

# Stadium

Foto MANIQUE



Teixeira e Verfssimo, do Belenenses, atacam com vigor! Sebastião defende serenamente!

N.º 252

1 DE OUTUBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

# Duas afirmações positivas

— o futebol ligado do Estoril e a força do ataque do Sporting

Crónica de TAVARES DA SILVA

**A** 4.ª jornada da chamada Taça de Honra de Lisboa baralhou um pouco as cartas. Os clubes aproximaram-se mais uns dos outros, ao ponto de haver entre o primeiro e o quinto classificado somente dois pontos de diferença. Achemos admirável este nivelamento que obriga todos os adversários a jogarem a vida em cada partida.

Apesar do Benfica ocupar o primeiro posto, do Sporting seguir na sombra e do trio Atlético-Estoril-Belenenses pedalar roda-com-roda, todos os cinco concorrentes estão ao alcance do título, pelo menos, teoricamente. E dizemos isto porque, às vezes, as classificações valem menos do que as forças que se apresentam nos grupos. Há onze que, atrasados, estão prestes a darem o salto...

A jornada tornou, mais aparentemente, um pouco confusa a situação. O Belenenses, vencedor do Sporting, fez o papel de vítima na Amoreira. O Oriental, de bons créditos nas primeiras lutas, deixou-se massacar pelo ataque pujante dos leões. Mas isto é futebol puro, porque o valor da competição está precisamente no facto do vencedor de hoje ser amanhã vencido, e dos papéis se invertem com a maior das facilidades.

As surpresas alimentam as competições. No ponto de vista de qualidade, também a jornada não

desmereceu. Faz-se bom futebol em qualquer dos terrenos: excelente ligação do Estoril, magnífica energia do Benfica, e poderosa afirmação do ataque do Sporting. Além de tudo, praticou-se jogo dentro dos limites legais, o que é sempre agradável de referir. Também as arbitragens melhoraram em relação aos domingos anteriores: com a arbitragem e o comportamento dos jogadores pode estabelecer-se o binómio — é mais fácil dirigir bem uma contenda quando os seus participantes querem a resolução do problema baseando-se em meios pacíficos.

A Tabela está ordenada do seguinte modo:

**Benfica** 10 pontos, 2 vitórias e 2 empates, 12-7 em bolas; **Sporting** 9, 2 vit. 1 emp. 1 der., 17-5; **Atlético** 8, 1 vit. 2 emp. 1 der., 8-8; **Estoril** 8, 2 vit. 2 der., 15-15; **Belenenses** 8, 2 vit. 2 der., 5-9; **Oriental** 5 pontos, 1 empate e 3 derrotas, 5 bolas a favor e 18 contra. Todos os clubes estão com quatro jogos.

## A superioridade do Estoril e as cinco bolas!

**J**á nos primeiros momentos, a fisionomia da partida se firmou: da parte do Estoril — futebol ligado, rápido e rasteiro; do lado belenense — jogo confuso, energético e por alto. Contaram-se pelos dedos as jó-

gadas desenvolvidas por Belem com a bola a rolar no terreno calvo. Nas vezes em que os médios insistiram no serviço rasteiro, logo os dianteiros elevaram a bola — dando vantagem aos adversários...

Quer dizer, o Belenense mostrou-se sempre, na Amoreira, uma equipa voluntariosa e de energia rasgada, mas nunca se evidenciou no plano da ligação. Tendo encontrado na sua frente uma equipa serena, ligada, defendendo-se bem e atacando ainda melhor, o resultado não podia ser outro.

O Estoril conseguiu um golo nos primeiros instantes. Jogava, então, contra o favor do vento. O Belenense procurou conquistar o terreno, e, tendo-a conseguido algumas vezes nunca chegou a ser senhor da situação. Os azuis, como aturdidos, queriam infiltrar-se à viva força, não reparando que o adversário era uma lâmina que o seu jogo.

Sentindo a sua superioridade, o Estoril não fez do jogo defensivo a base da sua vida. Aos poucos ordenou completamente a ofensiva, e por via dessa ordenação conseguiu atacar com perigo. As melhores oportunidades, o que é geralmente uma consequência do bom futebol, pertenceram-lhe. Dois golpes mortais não foram aproveitados.

O Belenenses que, na primeira parte, ao acabar um-zero, não acreditava ainda no jogo do adversário, procurou cair a fundo na segunda parte, tanto mais havendo desaparecido o vento. Dos pés do médio-direito saíram bons golpes, os quais eram desenvolvidos com presteza pelo interior do mesmo lado.

■ Mas a muralha defensiva do Estoril manteve-se invulnerável: cada um a uma unidade do ataque adversário, e sempre a mesma fórmula — andassem por onde andassem os atacantes azuis.

Defesa que não se deixa bater, provoca geralmente o contra-ataque. Na verdade, o Estoril passava facilmente da defesa ao ataque, e conseguia mesmo dominar. Ao quarto de hora, o team tinha 3-0 e estava nessa altura senhor da situação.

O Belenenses tentou ainda, em últimos rasgos, mudar a face dos acontecimentos — mas tudo quanto fazia resultava confuso. Não era a inteligência que comandava a situação, mas os músculos simplesmente que estavam a funcionar. O Estoril mereceu a vitória sob todos os aspectos, podendo afirmar-se que o seu futebol, rasteiro e rápido, em rajadas na frente, impressionou favoravelmente todos que assistiram à partida.

Pelo contrário, a defesa de Belem faliu extraordinariamente

no capítulo de ligação, mas sabendo fazer rapidamente as modificações de posição de modo a acudir ao fogo — quando ele irrompia. A linha média não é homogênea, e o ataque resente-se da perda de alguns elementos. Melhores do Estoril: Sebastião, pleno de segurança; Elói, a base da defesa; Nunes, magnífico no passe largo; Mota, esforçado e a jogar no estilo de avançado em cunha; Bravo, elemento de verdadeira classe; Lourenço, fazendo bons lances; Vieira, um jogador artista, um destes homens que nasceram para brincar com a bola...

No Belenenses destacaram-se Mariano Amaro, o homem que lutou contra a maré, Nunes o ágil interior, e Figueiredo. De quase todos os outros — nem é bom falar...

A arbitragem merece boa nota, pois o juiz de campo julgou com uniformidade todas as questões e quase sempre decidiu bem.

**Estoril** — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

**Belenenses** — Sêrio, Figueiredo, Feliciano, Amaro, Quaresma, Serafim, Mário Coelho, Nunes, Veríssimo, Duarte e Teixeira.

**Árbitro** — Mário Ribeiro.

## O empate da Tapadinha

**O** Benfica jogou melhor do que o Atlético, mas nunca dominou de modo absoluto. Os homens da Tapadinha, na sua característica de luta tenaz e persistente, mesmo aguerrida, souberam defender-se e nunca perderam o fio de ataque.

O jogo foi movimentado e teve instantes de grande interesse: o vento e o estado do terreno influíram na luta, e qualquer dos contendores procurou explorar aquele factor.

O Benfica não transformou uma grande penalidade a cargo de Arsénio, e estamos crentes de que esse pormenor lhe tirou o triunfo.

Ambos os grupos podiam ter ganho, e torna-se escusado citar o reverso da medalha. O Benfica teve na primeira parte o seu período de iniciativas, quase permanentes, jogando nitidamente ao ataque. A lesão de Júlio esfrangalhou o conjunto, mas a de Francisco Ferreira ocorrida mais tarde deitou abaixo o edifício. Nessa altura, recolhendo os benefícios desses acidentes pela lei da competição, o Atlético tratou legitimamente de tirar proveito da situação e caiu a fundo... Chegou ao empate e não alcançou a vitória por manifesta infelicidade, de um lado, mas também porque o bloco defensivo do Benfica se conservou ligado e sólido, resistindo com êxito.

As aspirações dos teams variam conforme o jogo: o Benfica, que se sentia com direito à vitória, pela força dos percalços, contentou-se satisfatoriamente com o empate.

Félix reapareceu e António Maria fez a sua estreia. Arsénio, Mário Rui e Rogério brilharam. No Atlético, Caninhas continua a ter nas suas mãos o carimbo de boa exibição. O team distinguuiu-se pela boa vontade de todos os seus componentes.

**Atlético** — Ernesto, Baptista,

## A "graça" da semana



— Tendo sido Tavares da Silva o seleccionador «único», porque querem agora «mais dois»?  
— Justifica-se plenamente. E' para formar o trio defensivo contra a linha avançada da crítica!

## A equipa do Casa Pia

## CAMPO DE OURIQUE e BENFICA

tirou o comando ao Futebol Benfica

Os resultados da 2.ª Divisão, no domingo último, foram os seguintes:

Arroios, 3 Operário, 3; S. L. Olivais, 2-Sacavenense, 3; Casa Pia, 1-Futebol Benfica, 0.

Vistos os jogos de relance, encontramos desde já, na vanguarda da classificação, a equipa do Operário, embora os antigos rapazes de S. Vicente, que seguíam com o mesmo número de pontos do Futebol Benfica, não tivessem ido além de um empate. Beneficiaram, no entanto, da derrota que os casapianos infligiram ao seu colega na classificação.

Castro, Pereira, José Lopes, Moraes, Martinho, Rogério, Vital, Gregório e Caninhas.

Benfica — Rogério, António Maria, Fernandes, Moreira, Félix, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Melão e Vitor Baptista.

Árbitro — António Serrano.

## O impressionante ataque dos «leões»...

A partida Sporting-Oriental tem pouco que se diga. É a velha história de todos os encontros em que um dos grupos faz de tirano e o outro de vilão.

E, verdade seja, nada fazia previr um espectáculo de semelhantes cores. O Oriental estava a dar boa conta do recado, ao ponto de haver a opinião de que o onze seria capaz de ser inimigo, ao menos, na sua própria casa.

Porque se deu a tremenda goleada? — Porque o Sporting é um team poderosíssimo quando joga exclusivamente ao ataque, sem preocupações de defesa. Se o adversário não dispõe de elementos seguros no sector defensivo, o cilindro sportinguista passa por cima desse bloco e consegue reduzir a terra, pó, cinza e nada...

Por outro lado, um ataque que vive sem preocupações de defesa, o que hoje é impossível, pelo menos, em valores equilibrados, redobra de valor e torna-se ainda mais forte. Mateus substituiu Canário, e o conjunto não se ressentiu.

Evidentemente, esta afirmação do ataque interessa menos do que se se tratasse de defesa. Já se sabe que os leões têm um ataque capaz de meter golos, mas importa saber se a defesa é capaz de conservar tal riqueza. Em duas experiências — não o foi. Nesta não chegou a ser apontada... Vamos a ver de futuro.

Oriental — Fernando, Cruz, Carlos Costa, Izidoro, Moraes, Custódio, Augusto, Abrantes, França, Vicente e Moura.

Sporting — Azevedo, Juvenal, Marques, Mateus, Barrosa, Verissimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Árbitro — António José dos Santos.

T. S.

Por enquanto reina ainda a confusão entre os grupos da frente. Porque o Casa Pia tem apenas menos um ponto, em relação ao Operário, e tanto o Sacavenense como o Arroios tem ainda tempo de sobra para subir com firmeza!

Menos bem preparado, ou, pelo que se tem visto, sem o mesmo fulgor revelado na época finda, aparece-nos o S. L. e Olivais, que perdeu no seu campo com o clube vizinho. Claro que há ainda possíveis alterações, pois nem a diferença de classe é grande, nem a superioridade marcada por uns sobre os outros é de assustar.

Nos jogos a que nos reportamos, por exemplo, nenhum grupo chegou ao esmagamento. O Arroios, que cedeu o empate, pareceu à crítica assistente um pouco mais capaz, sem dúvida alguma, mas a mesma crítica salienta o facto do conjunto visitante haver ficado com 10 homens logo no princípio do jogo. E também com 9, mais tarde, por via de nova expulsão, facto que atingiu igualmente o Arroios. Foram 3 os jogadores expulsos: Amorim e Mota, do Operário; e França, do Arroios.

As equipas: Arroios — Manuel Cardoso; Alberto França e Mateus; Xavier, Almeida e Ramos Silva; Francisco Parente, José Ferramenta, Adelinho Grancho, Dario Rodrigues e Filipe Pereira.

Operário — Délio; Rogério e Galleu; Serafim, Antero e Amorim; José Gonçalves, Henrique, Canal, Anibal e Mota.

Árbitrou o Sr. Luís Vilaça.

Não pode afirmar-se que houve surpresa no jogo Casa Pia-Futebol Benfica. Os casapianos obtiveram uma vitória escassa mas justa, também sendo pena que as coisas não tivessem corrido de molde a merecer aplausos. Garção foi expulso do terreno, mas alguns jogadores mais provocaram as leis do jogo.

Alinharam: Casa Pia — Cardoso; Octávio e Vasco; Medeiros, Júlio e Carvalho; Eusébio, Dias, Prates, Garção e Rocha.

Futebol Benfica — Anibal; António Henrique e Diogo; Varela, Quirino e Nogueira; Concelo, Dias, Brito, Estevão e Santos.

Árbitro — Carlos Silva.

Nos Olivais, o grupo da casa não teve animo para vencer os rivais de Sacavem. Estes chegaram mesmo a 3-0, resultado que por certo criou dificuldades sérias à filial do Benfica.

Depois disso, o grupo serenou um tanto e conseguiu 2 pontos para atenuar a derrota, o que bem mereciam, pois a superioridade ligeira dos visitantes fica suficientemente compensada por um tento mais.

Assinala-se o entusiasmo do publico da zona Sacavem-Olivais.

na final desejada do Campeonato de Lisboa em Juniores

Em virtude da derrota que os juniores do Campo de Ourique consentiram, faz hoje precisamente uma semana, diante do Benfica (B), no «rink» do Parede F. C., era crível esperar-se que o campeonato de Lisboa estivesse arrumado... Ao Benfica (A) o empate era o suficiente — mas as coisas correram pelo melhor aos ouriqueenses, que triunfaram meritariamente, por 1-0, golo alcançado aos cinco minutos e defendido com exemplar tenacidade e brio desportivo; e então tudo voltou à mesma — quer dizer, os dois grupos, de novo empatados na classificação, só em partida suplementar (em recinto neutro) decidem o título de 1947. Mas seja qual for o vencedor, certo é que a prova culmina em beleza — tantos e tamanhos os atractivos de que se revestiu.

Neste campeonato — o terceiro — fez-se boa propaganda da modalidade. Como se esperava, afinal, e era de desejar. Houve desportivismo e disciplina — de onde se conclui que torneios similares são necessários, quicá imprescindíveis, para fomentar na juventude o gosto pelo óquei patinado. E, como os juniores constituem o ponto de partida para um provir promissor, é de aconselhar a repetição — com mais frequência e maior concorrência se possível — de competições do género. Que, verdade, o campeonato dir-se-ia estar bem fadado — sempre tendo decorrido com animação desde o começo até à última ronda. Será assim até final? Oxalá que tal suceda.

A prova, na sua fase preliminar, foi repartida por duas séries, cuja classificação para apuramento foi a seguinte: A — 1.º Benfica (A) 24 pontos e 59 5; 2.º Sp.-Oeiras, 20 pontos e 29-13; 3.º Paço de Arcos (A), 16 pontos e 21-21; 4.º Cascais, 12 pontos e 15-32; 5.º Ateneu, 8 pontos e 4-57. B — 1.º Campo de Ourique, 24 pontos e

Estes dois grupos conseguem sempre levar aos campos de jogo boas assistências, e no domingo uma vez mais aconteceu assim.

As equipas: S. L. Olivais — Paiva 2.º; Carlos Correia e José Ferreira; Guilherme, Rogério e Frutuoso; São Bento, Agostinho, Moreira, Leonel e Paiva 1.º

Sacavenense — Agostinho; Fausto e Octávio; Guimarães, Figueiredo e Álvaro Gomes; Tristão, Lourenço, Cardoso, Tancredo e Vicente.

Árbitrou João Vaz.

O trabalho dos juizes de campo, em qualquer dos encontros, teve deficiências e dificuldades. Quatro jogadores sofreram ordem de expulsão — sinal evidente de nem sempre parair a serenidade nos espíritos; duas grandes penalidades foram discutidas. O jogo duro, violento nalguns casos, também esteve na ordem do dia, o que se lamenta e condena.

63-0 (récorde); 2.º Benfica (B), 17 pontos e 14-20; 3.º Futebol Benfica, 16 pontos e 8-22; 4.º Paço de Arcos (B), 12 pontos e 4-27; 5.º Académica, 11 pontos e 4-26. Note-se a grande superioridade ouriqueense na sua série e a circunstância de não terem consentido um golo sequer...

Foi bastante equilibrada a prova final — no decurso da qual se verificaram as primeiras derrotas do Campo de Ourique e do Benfica (A): a dos ouriqueenses, na Parede, diante do Benfica (B), por 0-2, já referida atrás; e a dos encarnados, em Santo Amaro de Oeiras, em frente do Benfica (A), por 1-0, também anotada acima. Eis a classificação: 1.º Benfica (A) e Campo de Ourique, 7 pontos 9-3 e 6-3; 3.º Benfica (B), 6 pontos e 4-7; 4.º Sporting de Oeiras, 4 pontos e 3-9.

Os resultados obtidos pelos finalistas — suplementares — foram: Do Benfica — contra Ateneu, 13-0 e 14-0 (recordes); Benfica (B), 6-1; Campo de Ourique, 0-1 (única derrota); Cascais, 5-0 e 9-1; Paço de Arcos (A), 7-0 e 4-1; Sporting de Oeiras, 3-1, 4-2 e 3-1. Do Campo

## Ler no próximo número um exclusivo da «Stadium»

«A França terá em 1949, em Macon, a mais bela pista para remo da Europa».

Artigo inédito de Pierre Lorme

de Ourique — contra Académico da Amadora, 7-0 e 10-0; Benfica (A), 1-0; Benfica (B), 7-0 8-0 e 2 (única derrota); Futebol Benfica, 7-0 e 8-0; Paço de Arcos (B), 11-0 e 5-0.

Numa pontuação — de acaso — entre os quatro finalistas (com os resultados do campeonato inteiro) teríamos:

Campo de Ourique 11 jogos, 10 vitórias, 1 derrota, 69-3 golos, 31 pontos; Benfica (A) 11 jogos, 10 vitórias, 1 derrota, 68-3 golos, 31 pontos; Sp. Oeiras 11 jogos, 6 vitórias, 1 empate, 4 derrotas, 32-22 golos, 24 pontos; Benfica (B) 11 jogos, 5 vitórias, 2 empates, 4 derrotas, 18-27 golos, 23 pontos.

Jorge Monteiro

Ano V — II Série — N.º 252  
Lisboa, 1 de Outubro de 1947

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefone, 45903 - USBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁFURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

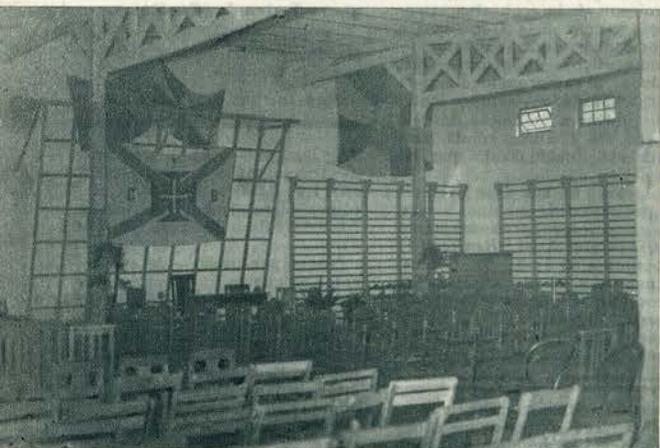
Visado pela Comissão de Censura



Os «Quaresmas» miudos, em reunião magna...



Os quatro «miudos» ainda mais pequenos que todos os outros da escola belenense



Um aspecto do ginásio do Belenenses solenemente inaugurado ante-ontem, nas festas comemorativas do seu aniversário



Uma lição teórica, em espírito de excelente camaradagem...

O Belenenses perfaz 28 anos e está em festa! O clube, engratecido pela dedicação dos seus dirigentes e associados e pelo valor dos seus atletas, mantém uma vida pujante que se traduz na ideia de, época a época, fazer mais e melhor.

O sr. dr. Octávio de Brito, seu actual presidente, figura respeitada por toda a gente do desporto incluindo os adversários, a nosso pedido, escreveu o artigo — de fé belenense! — que publicamos com o mais vivo prazer, associando-nos às Festas do grande Clube Ilaboeta, e destacando ao mesmo tempo as suas mais recentes realizações: o ginásio, e a escola de jogadores.

## A construção do Estádio de Belem como máxima aspiração dos BELENENSES

por OCTAVIO DE BRITO

**D**EVO à acolhedora hospitalidade da Stadium e a amável convite do bom amigo que é Tavares da Silva a oportunidade, que é muito grata, de comunicar directamente com os numerosos leitores desta revista a propósito do 28.º aniversário do Belenenses.

O crescente aumento do favor que as pugnas desportivas disfructam entre as multidões dão-nos a certeza de que alguma coisa existe que acorrenta o público aos locais onde se exibem os atletas e provoca a sua admiração e entusiasmo. E parece não oferecer dúvidas de que este entusiasmo é despertado pela superioridade revelada na execução dos lances e dos exercícios necessários para levar a melhor aos adversários com o fim de ganhar a competição.

O culto que assim se mostr o pelos exercícios que revelam o aperfeiçoamento do atleta pode constituir um meio poderoso de educação das massas e de fora estímulo para as chamar à vida e de inconstatável beleza que se encontra na prática dos desportos.

Aos clubes e, sobretudo a aqueles que conseguiram reunir em volta da sua bandeira número grande de adeptos, compete a missão de alta responsabilidade de aproveitarem o favor do público para o transformarem em elemento de utilidade geral, buscando através dele a verdadeira finalidade do desporto na sua dupla missão de cultura física e de revigoramento moral do indivíduo.

E' necessário para isso não deixar resvalar as competições desportivas em lutas que possam despertar os baixos instintos das multidões. Pelo contrário a prática do desporto deve basear-se sempre na mútua lealdade dos atletas e a vitória não deve despertar no vencido outro sentimento que não seja o de trabalhar afinadamente para vencer por

sua vez o adversário pelo seu mérito próprio.

É esta a ética desportiva que desejamos ver fructificar dentro do Clube de Futetol «Os Belenenses» e adoptada pelos seus adeptos. Para esse fim trabalhamos com afinco e sem desfalecimentos. E' a melhor homenagem que podemos prestar a todos os que souberam criar o grande Clube que hoje é o «Belenenses» e por ele se sacrificaram.

Colocados num dos extremos da cidade, numa zona que se encontra em franco progresso e cuja população, das mais diversas condições sociais, cresce dia a dia, os Belenenses têm hoje como máxima aspiração construir o «Estádio de Belem» que deverá ser o segundo lar de todos os seus associados, desde o mais humilde ao de maior categoria social, pois o mesmo ideal a todos os irmanará no desejo comum de tornar a vida mais bela através das satisfações, ao mesmo tempo simples e profundas, que se encontram na prática dos desportos.



Os futuros «capelas» em acção!

# A bola grande e leve

que fazia estranhos  
no ar e no solo

e a arbitragem parcial

são as causas inventadas pelos espanhóis para justificarem os resultados, aliás, magníficos, em Portugal

Passou em Portugal, com dois desafios, um em Lisboa contra o Sporting (empate 4-4) e outro em Braga contra o Sporting local (vitória 3-2) o celebre clube espanhol Atlético de Bilbao que, entre nós, foi agasalhado com requintes de gentileza e muito bem acolhido pelo público.

Sem dúvida, e dado o panorama do futebol nos dois países, o A. de Bilbao conseguiu bons resultados. Mas uma razão para, na sua terra, não aduzirem razões sem fundamento e... mais do que isso: absolutamente falhas de verdade.

Eis como se justifica em toda a Imprensa espanhola, por intermédio da Agência «Alfil» os resultados de Portugal.

É o presidente do clube, D. José María Larrea, outro membro da Direcção, e o treinador do clube, Urquiza, os quais esclarecem que, no desafio contra o Sporting (de Lisboa), a desmoralização atingiu as filas bilbainhas durante o primeiro tempo, porque a bola portuguesa era grande e leve, e fazia estranhos no ar e no solo, sendo difícil o seu controle pelos jogadores espanhóis.

«Na disputa do segundo tempo do referido encontro, com uma bola espanhola que providencialmente tinham levado, mudou a marcha do encontro...»

E um pouco mais adiante do artigo:

«Quando marcamos o terceiro gol excitaram-se um pouco mais os ânimos sem que o árbitro lusitano, sr. Canuto, completamente à deriva e visivelmente parcial conseguisse cortar as violências portuguesas».

Os espanhóis mais uma vez demonstraram ser, em desporto, como em tantas coisas, diferentes dos portugueses...

Nós, em futebol ou em outro qualquer ramo, quando nos deslocamos a Espanha, não vimos para o nosso país dar largas à fantasia mais desmedida para justificar os resultados, desculpá-

-los ou atenuá-los. E muitas vezes temos razões de sobra para o fazer...

Os espanhóis procedem de forma diversa, arranjando sempre maneira de, elevando-se, diminuir-nos, ou procurar diminuir-nos, pois as desculpas são geralmente tão grosseiras que nem os próprios espanhóis acreditam nelas...

Há muito que, nestas páginas, desfizemos a balela das bolas. Demonstramos insofismavelmente, no exemplo do Portugal-Espanha, da Corunha, que as bolas portuguesas eram perfeitamente regulamentares. Ainda mais, que, permitindo as Regras, um mínimo e um máximo, elas se aproximavam das espanholas ao ponto de serem sensivelmente iguais: o mesmo diâmetro, e o mesmo peso, pois uma diferença de 10 a 20 gramas não contava.

Numa coisa — também demonstramos — as bolas portuguesas eram diferentes das espanholas: na sua qualidade e no seu melhor fabrico.

Sobre a arbitragem também os dirigentes espanhóis fallam à verdade, numa insensibilidade que não queremos classificar. Canuto não fez uma arbitragem perfeita, mas foi de uma imparcialidade absoluta, cometendo o grande erro — por motivos, aliás, compreensíveis! — de não ter mandado sair do terreno alguns jogadores espanhóis que se portaram incorretamente, não esquecendo nós que Bertol, o capitão, e os seus companheiros de equipa, quiseram mesmo abandonar o campo, numa atitude indecorosa e indigna, não chegando a dar-lhe execução devido à ordem do treinador Urquiza que avalia, a tempo, toda a extensão do mal e as consequências do gesto de rebeldia.

Eis a verdade, nua e crua, sem uma palavra a mais — antes com palavras a menos. Nós, portugueses, fazemos todo o possível para receber carinhosamente os desportistas espanhóis, especialmente no futebol, e doí-nos que eles, no regresso, rebusquem fantasias para justificação de resultados — porventura diferentes do que eles desejariam.

O procedimento dos dirigentes viscaínhos, desta vez, nem tem justificação nos resultados. Porque o Atlético de Bilbao foi tão bafejado na sua deslocação a Portugal que, chegando a estar a perder por 0-4, conseguiu 4-4.



O «team» do Atlético de Bilbao que visitou recentemente o nosso país, na sua apresentação contra o Sporting Clube de Portugal

## O seleccionador Eizaguirre

diz: pratica-se hoje um «futebol diferente», e a selecção espanhola vai tomar um rumo definido

O jornalista Santidrian publicou em Espanha a entrevista que a seguir transcrevemos, com o seleccionador Guillermo Eizaguirre. O antigo guarda-redes mostra-se a par dos problemas modernos, e está decidido a exercer grande influência no futebol espanhol. Este, segundo cremos, vai averdejar por outro rumo — o que não é indiferente relativamente ao próximo Portugal-Espanha.

O seleccionador nacional de futebol, Guillermo Eizaguirre, tem uma personalidade muito conhecida da aficção para que agora nos ocupemos de destacar os méritos que o elevaram ao seu cargo. Serão poucos e muito jovens os adeptos que não recordem as suas formidáveis actuações defendendo por diversas vezes a baliza da selecção espanhola até alcançar aquele título de substituto de Zamora, que ninguém era capaz de conquistar.

Eizaguirre junta aos seus conhecimentos técnicos uma grande vontade que põe ao serviço do desporto, e por consequência, mesmo da Pátria. É homem activo, e se um dia abandonou a prática do futebol, hoje volta, posto que indirectamente, a ocupar-se do balão redondo.

Eis aqui o que nos disse:

— ... ?

— É evidente que o futebol evoluiu enormemente nestes últimos dez anos. Com isto não acrescento nada de novo ao que todo o Mundo já reconheceu. Opino que, agora, mais do que jogar-se um futebol melhor ou peor que aquele que se jogava antigamente, se joga um futebol diferente. Quere dizer, que se joga «outra coisa», que é, em definitivo, o «association», e nós outros, depois de ter permanecido à margem das actividades internacionais, temos perdido todo esse tempo, que agora nos cabe recuperar, aprendendo e adaptando-nos às escolas modernas.

— ... ?

— É um trabalho que requiere tempo, e especialmente tenacidade. Não é difícil assegurar que a Espanha assimilará as ensinanzas das últimas experiências. Brasileiros, argentinos, italianos e inclusivamente portugueses, mostraram-nos o caminho. Agora unicamente falta um firme desejo de seguir-lo, e confio que os nossos jogadores saberão «aprender» o novo estilo. Isto não quiere dizer que sejam os futebolistas os únicos sobre quem recaia esta responsabilidade, claro está. Mas também os treinadores, clubes, etc., devem tentar a transformação pondo acima de todos os interesses particulares o interesse nacional.

— ... ?

— Tenho o propósito de submeter à aprovação dos Organismos superiores todo um plano a seguir a este respeito. Para já, enquanto à selecção nacional, proponho designá-la primeiro e «trabalhá-la» depois. Penso efectuar, pelo menos, um encontro mensal entre equipas de prováveis seleccionados e aproveitar todas as datas livres para concertar encontros similares. A primeira, a 19 de Outubro, próximo.

— ... ?

— Tenho um esqueleto de equipa, sobre o qual construirei o conjunto. Agradam-me francamente Eizaguirre, Curta, Nando e Gainza, e para os restantes lugares... muitos, mas estes quatro parecem-me indiscutíveis.

— ... ?

— Não, não, não. Esse Eizaguirre é Inácio, naturalmente, e, desde logo, agrada-me muito mais este Inácio do que «aquele» Guillermo...

Guillermo ri e nós rimos também. E terminamos a conversa com a segurança de que o seleccionador nacional conseguirá os seus propósitos, e com eles iniciar-se-á o ressurgimento do futebol espanhol que consiga recobrar o prestígio internacional que noutro tempo alcançara.

## Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

# Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

## VIII — As corridas de barreiras (conclusão)

**A**s corridas de barreiras em 200 metros continuaram a ser raras, pois às três a que já nos referimos, e no largo espaço que medeia de 1932 a 1947, só temos a acrescentar mais entorze.

Em 24 de Julho de 1932 Martins Vieira bateu dificilmente João Diniz por a'n peito, em 29,2 s., seguindo-se-lhes o ligueirense Edmundo Mourinha; as barreiras usadas nesta prova foram já da altura regulamentar, o que favoreceu o percurso de Diniz, que era um bom corredor de velocidade, mas sem a maior especialização em barreiras.

Só dois anos mais tarde voltaram a ser corridos os 200 metros com obstáculos; Palhares Costa, que estava residindo no Porto e se inscrevera pelo Sport Clube, sentia-se com possibilidades para melhorar o recorde, para o que o seu clube incluiu a prova num terço de sua organização. O corredor conseguia o seu intento, fixando o mínimo 27,8 s. (20 de Maio de 1936).

Em 29 de Julho seguinte a Associação de Lisboa quis dar ao seu melhor fillado uma ocasião na distância, mas Vieira, vencedor, não alcança melhor do que 29 s.

Mais quatro anos de intervalo: em 1938 — não há fome que não dê em fartura — três vezes se correu os 200 metros com barreiras; das três vezes vencendo Martins Vieira: em 19 de Junho, em 28,2 s., seguido por Alfredo da Silveira em 29,4 s. e Fernando Ferreira, em tempo igual; em 14 de Agosto, no festival de chegada dos corredores da Volta a Portugal à pista do Lima, em

28,9 s. e, por último, no Concurso de «Os Sports» organizado no domingo seguinte, no Lamiar, em 28 s., sem adversário que o apertasse, pois o segundo classificado foi Fragata, em 30,8 s.

Nos anos que seguiram a regularidade de disputa anual foi maior. Em 1939, uma prova: nas Salésias, em 17 de Setembro, Martins Vieira conquistou enfim o ambicionado recorde, com 27 s.; no ano imediato, em 30 de Junho, o mesmo corredor, na mesma pista, consegue apenas 27,9 s.

Nada em 1941 e depois: em 13 de Julho de 1942 Pedro Vasconcelos, em 27,5 s., bate Matos Fernandes, 28 s.; em 11 de Julho de 1943, cabe a vez a Matos Fernandes de bater, 27,2 s., Martins Vieira, com dois décimos mais; em 1 de Julho de 1944, Eugénio Eleatério iguala os 27 s. do recorde, vencendo Vieira, 27,3 s. Em 1945 duas provas: a primeira em 15 de Julho, na pista do Lamiar, provoca a descida do recorde pelos dois melhores classificados, Eleatério em 26,8 s., e Sebastião Camões em 26,9 s., com F. Ferreira terceiro a chegar em 27,2 s.; no mesmo ano, em 25 de Agosto, Vieira e Matos Fernandes lançam-se em vão ao assalto da marca nacional, sendo os seus tempos, respectivamente, 27,2 s. e 27,4 s.

Para acabar a lista, em 11 de Agosto de 1946, no festival promovido pelo jornal «Mundo Desportivo», Matos Fernandes estabeleceu o mínimo actual, 26,5 s., precedendo Elói em 27,6 s.

Examinemos agora a actividade portuguesa, durante o mesmo período, nos 400 metros com



Guimaraes Marques e António José Pereira, dois bons barreiristas portugueses

barreiras, que pode dizer-se resumida exclusivamente às competições do calendário oficial.

Em 1932, duas corridas e dois vencedores: no regional lisboense Palhares, 1 m. 26 s.; bate Sheitel Martins, 1 m. 3 s.; no Nacional, na pista do Lima, Martins,

treina-se o maior especialista português da modalidade: Fernando Matos Fernandes; na sua primeira prova é batido por Francisco Bastos, barreirista ocasional, em 1 m. 1,4 s., mas no Nacional, am mês depois, triunfa em 59,3 s., precedendo António Calado, em 1 m. 0,3 s. e Martins Vieira em 1 m. 0,5 s.

Em 1942, na pista do Lima, consegue igualar os 58,2 s. do recorde de Silveira, que, sucessivamente melhora para 57 s. em 15 de Agosto de 1944, 56,4 s. em 26 do mesmo mês e ano e para 55,1 s. em 7 de Julho de 1946.

Matos Fernandes, que desde 1941 não é derrotado na sua especialidade, nem por nacionais nem por estrangeiros, trouxe para o país três vitórias em «matées» internacionais: duas sobre a Espanha e uma a mais recente, contra a Bélgica.

110 metros: Martins Vieira, (Bl.), 15,7 s. — 16,7-39; Fernando Ferreira (Bl.), 15,7 s. — 29-7-45; António José Pereira (Bl.), 15,8 s. — 16-7-39; Glória Alves (Bl.), 15,8 s. — 24-8-41; Palhares Costa (Sp.) — 22-7-34 e Luis Alcide, 27-7-47, 16 s. Guimaraes Marques (Sp.), 21-7-40, 16,2 s.; Pedro de Vasconcelos, 21-7-40, 16,3 s.; Saldanha Palhares (Ac.) em 12-7-31, Castro Cebrita (Int.) em 50-7-36, Monteiro Martins (Sp. Pto.) em 14-9-35, Guilherme Vasconcelos (Int.) em 28-7-35, Barbosa Lima (Br.) em 8-7-37, Carlos André (Bl.) em 14-7-46, todos em 16,4 s.

200 metros: Matos Fernandes (Bl.), em 11-8-46, 26,5 s.; Eugénio Eleatério (Bl.), em 15-7-45, 26,8 s.; Sebastião Camões (Sp.), 26,9 s.; Martins Vieira, em 17-9-39, 27 s.; F. Ferreira (Bl.), em 15-7-45 s.; Pedro Vasconcelos, em 13-7-42 e Elói Costa Pereira, em 11-7-46, ambos em 27,5 s.; Artur Dias (Sp.), em 17-7-46, 27,6 s.; Palhares Costa (Sp. Pto.), 20-5-34, 27,8 s.

400 metros: Matos Fernandes (Bl.), em 7-7-46, 55,1 s.; Alfredo da Silveira (Int.), em 21-7-29, 58,2 s.; Martins Vieira, em 26-8-44, 59 s.; Artur Dias (Sp.), em 28-7-46, 59,1 s.; José Coato, em 26-8-44, 59,2 s.; Guilherme Fragata (Bl.), em 20-7-39, 59,4 s.; Alberto Afonso (Bl.), em 31-7-38, 59,5 s.; Palhares Costa (Sp.), em 21-7-29, 59,6 s.; Elói Costa Pereira (F. C. P.), em 28-7-45, 59,8 s.; António Calado (Sp.), em 10-8-40, 1 m. 0,3 de segundo.



Martins Vieira, na prova em que conquistou, em 1938, o recorde nacional dos 200 metros barreiras

também com 1 m. 2,6 s., derrota Palhares, 1 m. 4 s.

Martins Vieira domina em 1933, com 1 m. 4 s. no Regional e 1 m. 2 s. no Nacional; os segundos classificados nestas provas foram o futebolista Manuel Soeiro em 1 m. 9,4 s. e o rugbista Jacinto Duarte, em 1 m. 5,6 s.

Três campeões diferentes em 1934: Silveira em Lisboa, com 1 m. 0,2 s.; Palhares Costa no Porto, em 1 m., recorde local; Martins Vieira no Nacional, com tempo idêntico, batendo o veterano Fernando Rodrigues, em 1 m., 2,2 s.

Nos anos seguintes continua o reinado de Martins Vieira; em 1936 aparece no Belenenses um rapaz que se afirma vencendo o Nacional em 1 m. 2 s., na ausência do campeão benfiquista. Tratava-se de Alberto Afonso que, em 1938, repete a façanha conseguindo baixar do minuto, 59,5 s., proeza que o próprio Martins Vieira ainda não lograra. Val alcançá-lo por duas vezes no ano imediato: 59,5 s. no Regional e 59,2 s. no Nacional, seguido por Guilherme Fragata, em 59,4 s.

Na época seguinte, 1940, es-



Quando os 200 metros barreiras se corriam ainda com obstáculos dos 400 m.: Martins Vieira e Palhares Costa lutam à entrada da reta final

Serio, do Belenenses, atacado por Bravo. Feliciano está a sofrer...



Cinco jogadores em movimento! Repare-se na posição de Feliciano e de Mota, dois elementos que gostam de jogar um contra o outro...

## As senhoras gostam do FUTEBOL



As senhoras gostam do futebol! São por vezes as mais entusiastas, vibram, discutem, e têm verdadeira aficção. Os tempos mudaram! Hoje, vêem-se muitas senhoras no futebol. Por acaso, a objectiva do nosso fotógrafo, colheu esta senhora a entrar no campo. Trata-se, se não nos enganamos, de uma sportinguita... O maçagista Manuel Marques é uma indicação!



Serafim e Mota em corpo-a-corpo, mas a bola está longe!

Fotos MANIQUE

## NOTAS do ESTORIL-BELENENSES

**Q**UASE todos os Grupos dominam nos seus campos. As populações associativas reagem e barafustam, mas spoiam sempre os seus teams. A sua influência em muitos triunfos é grande, se não decisiva.

O único campo que conhecemos em que tal factor não exerce influência é na Amoreira-Estoril. Porque aí dominam geralmente as massas associativas do clube visitante...

**S**OMOS contra a violência. Ninguém, com responsabilidades, ou, mesmo, sem elas, desde que bem formado, pode defender a grosseria, o truque, o golpe mal intencionado para pôr fora de combate o adversário. Quem procede de semelhante maneira deve ser impedido de fazer desporto.

Mas entendemos que o futebol não pode deixar de ser jogado com firmeza e força muscular. Ora, é mu to frequente os adeptos reportarem contra o emprego do corpo, regularmente... E não pode ser. Redes — sim; violência — não.

O campo da Amoreira foi certamente vistoriado pelos técnicos associativos e deve estar nas condições exigidas pelos Regulamentos, isto é, com a vedação na distância devida.

Mas não seria mal feito modificar os postes de pedra, tirando-lhes ao menos aquelas traiçoeiras quinas. Um dia, qualquer jogador será a vítima e depois há-de dizer-se que se devia ter feito — o que não se fez...

**H**Á coisas inesquecíveis! O vento soprando forte no primeiro tempo amansou, ao ponto de dar a impressão de ter desaparecido por completo na segunda parte.

Quer dizer: o Estoril venceu o Belenenses sem precisar de favores!

**D**Á gosto ver mexer na bola com o jeito, a vida e a graciosidade do interior Vieira. Ele desenha as figuras mais belas do futebol, sem barulhos, confusões ou pressas.

Vieira tem pés de seda e veludo...

O árbitro do encontro, Mário Ribeiro, tem qualidades, mas não deve julgar que a energia provem dos gestos. Porque os gestos despertam a energia dos jogadores!

T. S.

## ARCÁDIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

GRANDIOSO PROGRAMA DE VARIEDADES com

LAYLA et DI MARCO  
HERMANAS APARICIO

e outras atracções

Amanhã, 2 de Outubro, sensacional ESTREIA dos príncipes da dança moderna

IRIS et RIBEIRO

Abertura às 22 h. — Encerramento às 3 1/2. Exibição de Variedades às 24 1/2 e às 2 h.

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## CORRE QUE...

O Atlético de Madrid ofereceu 300.000 pesetas a Patalino para o fazer ingressar nas suas fileiras. Temos, assim, um milhão num instante: a Feliciano 500.000, a Patalino 300.000, a Cabrita 200.000. Fora o resto — que não se sabe...

As entidades oficiais do Desporto não consentirão na saída dos jogadores portugueses para os clubes do estrangeiro.

Será nomeado mais um membro para a Comissão de Preparação e Seleção, apesar de se ter pensado ficar com um lugar vago.

Segundo a sugestão, aliás, contrária, à homogeneidade do grupo, provavelmente, servirá de treinador contra a França, Scopelli; contra a Espanha, Lippo; e contra a Irlanda, Bell. As razões de isto são curiosas!

O Regulamento Geral de Provas está a ser cuidadosamente revisto, e será publicado logo a seguir:

## O BRASIL

### e o Campeonato do Mundo

Segundo lemos num jornal francês pela pena de Maurice Pefferkorn, os brasileiros querem que as meias-finais e a final da Taça do Mundo sejam substituídas por uma poule disputada entre os vencedores dos Quartos de Final. O campeão seria, como no regime vulgar o que somasse maior número de pontos.

Assim, segundo afirmam os brasileiros (não sendo extranho a esta orientação o elemento recelido), a prova teria uma característica de maior regularidade, pois uma equipa não arriscaria num único encontro todas as suas possibilidades, já conquistadas.

O Brasil deve ser vencido no seu ponto de vista. Na Federação Internacional deverá vigorar o critério de que se trata de uma questão de princípios, e de que a fórmula da Taça é intangível e baseada na eliminação radical em cada partida.

## CONTA-GOTAS

Ainda o Espanha-Portugal vem longe (a sua realização está marcada para Março em Madrid) e já estão a organizar-se em Portugal várias excursões a Madrid. O nosso colega «A Voz Desportiva», por exemplo, promove uma excursão a Madrid, de inscrição limitada, sendo a viagem de auto-car e com todo o conforto, pagando os inscritos prestações semanais de trinta escudos.

Isto prova que, apesar da nossa primeira vitória, o Portugal-Espanha, ou cá ou lá, continua a ser o encontro n.º 1 do nosso calendário internacional. O desafio desta época reveste-se da maior expectativa: os portugueses já venceram em Portugal, e cumpre-lhes agora vencer em Espanha!

Uma Comissão estuda no Funchal a localização do Estádio da Cidade projectado pela respectiva Câmara Municipal.

Locais possíveis: campo Almirante Reis; Quintas Bianchi e Pavão; Pombal; Ilheus; e campo dos Barreiros.

Analizadas as condições oferecidas pelos referidos sítios conclue-se, por isto e por aquilo, que o campo dos Barreiros reúne as melhores condições. Lembramos a propósito que, por

vezes, perde-se mais tempo na escolha do local do que na construção do estádio, e que tal se nos afigura um contra-senso...

No «Diário de Coimbra», quem assina João Tovim, a propósito dos Jogos Universitários mundiais efectuados em Paris, escreve que alguma coisa se podia fazer em Portugal no referido sentido.

O mais difícil é definir «o que é um estudante?», e João Tovim acaba da seguinte forma o seu artigo:

«Em França, a situação é clara. Em Portugal também não ha motivos para dúvidas, porque existem igualmente três ordens de ensino distintas: — o primário, o secundário e o superior. Supomos que nos restantes países a situação também não deve ser obscura. «... O pior não é isso — supomos nós. O pior é transformar-se em aluno dum curso secundário em aluno dum curso superior ou — o que é bem mais grave — um atleta com a instrução primária em aluno dum Universidade — tudo na mira dum vitória finais.

Nós acrescentaremos que o desporto universitário partindo dum base falsa — não poderá vingar... As palavras de João Tovim, de raiz coimbrã, devem ser tidas em conta.

## ARES de Espanha

Vai desaparecer de Madrid o campo da Ferroviária, um clube popular e de projecção na história do futebol de Madrid.

A Ferroviária, com trinta anos de existência, não compra a tempo o terreno onde tinha instalado o campo, e agora tem um problema capital, já que não resultaram as negociações para ficar com o de Vallecas.

No campo do Real Madrid haverá quatro classes de assinatura: 1.º sócios obrigacionistas; 2.º obrigacionistas; 3.º sócios por antiguidade; 4.º público em geral.

As assinaturas compreendem 20 encontros. Das localidades, 18.930 terão um desconto no seu preço-base até 67,25%; as restantes, até 23.000, uns 55%.

No passado dia 23, na capela do Santo Cristo de S. Ginés, foi mandada rezar uma missa com exposição, por alma de Manolete. Mandaram celebrar a missa o marquês de Ardales, os srs. Garcia-Moreno, Cervantes, e três jogadores e o treinador

do Real Madrid: Ipiña, Praden, Haete e Quinceces.

Em Espanha publicou-se a Tabela de Sanções aos Jogadores emanada da respectiva Federação, a qual é talvez mais leve, apesar do seu apregoado rigor, do que a portuguesa. Basta dizer-se que a advertência federativa é larga, e na sua alçada cabem muitos delictos.

Para mostrarmos o quadro da disciplina espanhola, vamos concretizar alguns pontos:

— Blasfemias, insultos ao árbitro, expulsão do jogo, e suspensão por três a seis partidas.

— Ameaçar ou ofender o árbitro, em tentativa, mas sem chegar a agredi-lo, oito a doze partidas.

— Agressão ao árbitro, expulsão e suspensão de quatro a seis meses.

Há disposições curiosas: a lesão produzida pela acção mal intencionada será reparada economicamente pelo clube do infractor; e a suspensão dos jogadores implicará a suspensão do direito do infractor receber o ordenado.

## Há resposta para tudo...

P. 552 — Para resolver uma aposta com um sportinguista, pedia para me informar qual a idade de Rogério, guarda-redes do Benfica? (De Joaquim José Pinheiro, um benfiquista eborense).

R. 552 — Rogério tem 25 anos. Nasceu em 25 de Dezembro de 1922. (Lembramos que nesta Secção, e a propósito da sua outra pergunta, só se trata de futebol).

P. 553 — Pedia o favor de me indicarem se o avançado-centro do Estoril, Mota, não será o jogador madeirense conhecido na Madeira por «Gésson»? (De José António França Garrido Silva, de Albergaria-a-Velha).

R. 553 — O mesmo em carne e osso.

P. 554 — Fiz nma aposta com um amigo. Ele diz que o Vasco da Gama, do Brasil, é melhor que o grupo da Inglaterra? Eu também digo que a linha de médios do Benfica é a melhor do país, e o meu amigo afirma que não! (De J. J. S., de Portalegre).

R. 554 — Não há comparação possível entre o grupo de Inglaterra e o do Vasco da Gama: aquele é infinitamente superior. A linha do Benfica tem, pelo menos, os dois médios internacionais.

P. 555 — Onde está estabelecido com o seu restaurante o jogador benfiquense Francisco Ferreira? (De A. V. M., de Tondela).

R. 555 — A entrada da Rua das Gáveas, próximo do Largo de Camões.

P. 556 — Mantenho a opinião que há, actualmente, um médio no Elvas que podia ir ao Grupo Nacional. Que diz V. P. (De T. P., de Elvas).

R. 556 — Ainda não o vimos jogar. Deve tratar-se de Sousa, um médio que veio do Sporting para o clube de Jusão. Temos as melhores referências a respeito dele. Mas de aí à Seleção... Sabe-se lá!

P. 557 — Só ouvimos falar de treinadores estrangeiros. O senhor não é de opinião que em Portugal há homens competentes? (De T. F., um adepto Belenense).

R. 657 — Vamos mais longe. Nós somos de opinião que há bons treinadores portugueses. Simplesmente — «Santos da casa não fazem milagres». Mas se nos perguntassem qual o melhor treinador, entre portugueses e estrangeiros, não hesitariamos no nome de Augusto Silva.

Nota — O Sr. Taguiyas, de Póvoa do Varzim, e o sportinguista de Póvoa de Santarém, já foram esclarecidos. Só responderemos a uma pergunta de cada vez.

# A equipa apresentada na Bélgica

## foi, praticamente, a que venceu Portugal

### Comentários à volta desse facto...

LONDRES, Setembro de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

ses, isso sim, foi a sua formosa equipa, especialmente o quinteto dianteiro, formado por Matthews, Mortenson, Lawton, Mannion e Finney. A Inglaterra, considerando que o resultado de Lisboa,

turas e não destruíram a sua linha atómica, como por aqui lhe chamam.

O resultado, porém, não foi tão expressivo. Marcaram os ingleses apenas 5 bolas, metade do número

seguir. Lawton, de resto, é uma pessoa serena, distinta, como todos os colegas que envergam a equipa deste país, mesmo passando pelo loiro Mannion, sempre sisudo, ou pelo «infantil» Mortenson, — e estamos certos que no caminho para a Bélgica como da Bélgica para a Inglaterra não se falou da transferência.

O Chelsea, este grupo da camisa azul, londrino, menos popular que o Arsenal mas nem por isso menos valioso, é que não deixa de pensar no caso. Embora reembolse uns milhares de libras...

Quando Tommy Lawton seguiu com a equipa nacional, teve o Chelsea algumas apreensões no jogo contra o Everton. No fim do encontro, porém, os «belenenses» da Inglaterra ganharam por 3-1, e as 17.000 libras que o Derby oferece começam a ter outro sabor, de mais a mais cumprindo como cumpriu o seu substituto!

Poucos suplentes puderam, noutras equipas, fazer trabalho semelhante. Matthews-Mortenson foram muito lembrados pelo Blackpool, que perdeu em casa com o Sunderland, e só o Arsenal, que o ano passado esteve em crise e esta época sobe estrondosamente, mesmo com o excelente Scott na Bélgica, conseguiu 3-0 contra o Stoke City, ex-grupo de Matthews e presentemente dirigido por Franklin.

Explicado que nenhum atrito embaraça a missão dos jogadores, diremos também que nenhuma ausência interrompe a marcha do campeonato. O jogo Inglaterra-Bélgica fez-se na data indicada, como na data indicada se efectuaram os desafios marcados pela «Football Association». Nenhum clube discutiu, embora o Manchester City desse Swift; o Arsenal-Scott; o Middlesbrough-Hardwick e Mannion; o Derby o estreado Ward, único que não jogou em Portugal; o Stoke-Franklin; o Wolves-Wright; o Blackpool-Matthews e Mortenson; o Chelsea-Lawton; e o Preston-Finney.

Alguns perderam. Mas o caso não foi comentado, o que prova de modo indiscutível o bom espírito de colaboração de todos os ingleses. Daí o possuírem grandes equipas e bom futebol...

Fernando Mendes

Ler no próximo número

Um exclusivo da «Stadium»  
NA INGLATERRA, o sistema de transferências ou «Mercados de Escravos», pelo técnico inglês J. J. Davis

Os britânicos gostaram da equipa que no fim da época o representou contra Portugal. E tanto gostaram, de tal modo agradeceu a exibição da linha avançada, pelo menos, que a seleccionaram inteira para se exibir contra a Bélgica, no Estádio de Heysel.

Sem mais palavras, quer isto afirmar que os «mestres» ingleses levaram para o Estádio do Jamor o melhor que possuíam, contando mesmo com a colocação de Finney a extremo-esquerdo, o homem que para muitos é rival directo do feiticeiro Matthews.

Quando o conjunto inglês se deslocou para aí, pairava nos espíritos uma dúvida: Finney ou Matthews? Alguns jornalistas de Portugal, segundo lemos, dispostos a denegrir o prestígio do ex-extremo-direito do Stock City e actual vedeta de Blackpool, onde é hoteleiro, apressaram-se a garantir que o extremo do Preston era superior e... menos profissional que Matthews.

Se os leitores bem se lembram, escrevemos alguns artigos sobre o caso e deixamos bem expressa a informação de que sobre o valor de ambos não havia possibilidade de dúvida. Matthews era Matthews, inconfundível, e Finney era um jogador do primeiro plano inglês e já estava bem. Mais tarde, os portugueses viram isso mesmo na memorável tarde do Estádio Nacional.

Na Bélgica, segundo corre em Londres, para não dizer em toda a Inglaterra, aconteceu também que Matthews confirmou que era de facto o jogador mais puro do futebol britânico. Entregou 5 bolas de tal modo, que aos seus colegas (Finney, Lawton e Mortenson — os primeiros duas vezes e o último uma vez) nada custou derrotar a oposição adversária. E no decorrer do encontro, viram-se os belgas incapazes de travar o malabarismo do feiticeiro...

Mas o que queríamos dizer não era bem isto. Baseamos esta carta no facto da Inglaterra ter apresentado contra a Bélgica quase todo o grupo que actuou em Portugal. A época reabriu há pouco tempo, e os técnicos ingleses tinham certamente nos olhos a maravilhosa exibição dos seus representantes em Lisboa. Não fizeram experiências e optaram pela apresentação dos homens que melhor actuaram pelo seu país nos últimos tempos.

Isto pode afirmar, até certo ponto, que o valor dos portugueses não foi desconsiderado. O que agradeceu, em alta escala aos ingle-

excepcional, só teria sido possível devido à classe admirável dos seus azes, não incluiu Carter, por exemplo, e deixou Finney fora do seu lugar habitual.

Lemos ou disseram-nos também que Matthews jogou no Vale do Jamor apenas para agradar aos portugueses... que se entusiasmaram com o seu virtuosismo quando da visita da Raf. Se assim foi, e nisso não acreditamos, tomaram-lhe os técnicos ingleses certo gosto. A Bélgica por certo não pediu o mesmo. Os ingleses é que não quiseram avencar Portugal, e o Swift tiveram

igualmente dois pontos. Mas a Bélgica não será superior a Portugal em futebol, e ainda aqui a teoria manda observar o caso com certo critério. Por outras palavras: — o resultado por que sucumbiram os portugueses, produzindo discussões e remoque, apareceu por dois motivos: primeiro — graças ao famoso poder e entendimento dos adversários; segundo — porque não existiu o jogo e a felicidade que acompanhava o nosso grupo a Dublin.

Devem os portugueses, portanto, desejar a contra-prova. Acaceladamente, seria possível fazer pelo menos tanto como a Bélgica no Estádio de Heysel. Aprender-se-ia ao mesmo tempo, porque essa é a preocupação que pode e deve ter qualquer adversário dos britânicos, mestres no seu continente e fora dele, seja qual for a opinião que rodeie os seus jogos.

Vem igualmente a talhe de foice dizer que na Inglaterra nenhuma «questão» se desenvolve ou separa os componentes do grupo nacional. O genial Tomy Lawton foi colocado pelo Chelsea, a seu pedido, na lista das transferências, mas o caso, nem por se tratar da melhor «cabeca» de Londres, perturbou os ares. Os seus camaradas nem sequer o interrogaram sobre o caminho que vai

**Faça o melhor desporto, A CAÇA,** e adquira o seu material na casa que há longos anos está ao serviço dos caçadores.

O maior sortido de armas e de tudo para caçadores.

**A. M. SILVA**  
armeiro

Armas — Munições — Artigos de caça — Tiro — Pesca e Desportos

Rua da Betesga, 67 — LISBOA  
Telefones 3 1313/14

**Descontos para revenda**

# O Impate da TAPADINHA

Fotos MAX



Gregório em luta directa com Félix! O corpo-a-corpo é rude e valente...



Rogério, num estilo modelar, faz um vôo e consegue a defesa. A clatura de protecção é constituída por António Maria, Moreira e Fernandes



Um jogador do Atlético não calculou bem o saque: Félix e Gregório esperam aproveitar alguma coisa...



Ernesto detem, por alto, um ataque do Benfica. Ainda se vê Arsenio; outro benfiquense está encoberto...

Fotos JORGE GARCIA



Azevedo defende a pontapé, no momento preciso; os dois defesas rodeiam-no, mas Augusto, o avançado do Oriental, não conseguiu o remate

SPORTING  
e a FORÇA  
do seu  
ATAQUE



Peyroteo ataca, e Carlos Costa quer tapar-lhe o caminho... O guarda-redes defende a soco e resolve o problema



A asa direita do Oriental formada por Augusto e Abrantes tenta dominar Manuel Marques. De qualquer forma, consiga ou não o seu intento, não marcará goal!



O defesa Carlos Costa leva a melhor na luta com Jesus Correia; este não tem necessidade de se expôr... e não gosta de fazê-lo!

ADEPTOS "MIUDOS"...



— Oh sr. porteiro! Deixe entrar a gente!  
Tipo perfeito do gaiato de Lisboa, que, na sua fantasia, vota a mais viva admiração ao Amaro, ao Xico, ao Peyroteo!  
O «miúdo» é um excelente adepto, mas não tem dinheiro e quer entrar. O porteiro sorri, mas barra-lhe o caminho. O pequeno comenta: — És um porteiro sem coração!

# Um Portugal-Suiça em atletismo

## não seria útil?

Uma sugestão do antigo atleta portuense A. K. Stocker, em artigo exclusivo da «Stadium»

**N**a Suíça pratica-se o atletismo em larga escala. E pratica-se com tanto interesse que nós, ligados a Portugal pelo nascimento e aos heréticos pelo sangue, vivendo em Zurique actualmente, não queremos deixar de transmitir para a Revista *Stadium* notícias que possam agradar a quantos se prendem por estas *ninharias*. Embora só de longe a longe se consigam por cá jornais desportivos portugueses — e alguns foram-nos gentilmente oferecidos por Alexandre Almasqué, que fez em Vevey um estágio, na «Nestlé», antes de embarcar para a África do Sul, onde presentemente se encontra, — damo-nos a entretenimentos e curiosidades que podem ser úteis para os amadores de estatísticas.

Nós também gostamos delas. Em Portugal, nas horas livres de estudo, dedicamos-nos sempre ao desporto. Eramos *freguês* assíduo do Estádio do Lima, embora «aferrado» do F. C. do Porto. Mas, praticando várias modalidades no Académico, como o basquetebol e a patinagem, seguindo os cursos de ginástica e atletismo de Edgar Tamegão, que muito admiramos, e de quem somos amigo pessoal, ficaram-nos simpatias naturais no clube alvi-negro. Como na «Moidade Portuguesa», em cujas equipas de basquetebol do Douro Litoral actuamos. Como no Centro Especializado de Ginástica — durante 3 anos.

Logo, aqui da Suíça, vamos anotando da melhor maneira possível os acontecimentos. A recente organização do Portugal-Bélgica de atletismo, por exemplo, despertou a nossa curiosidade e fez-nos pensar num possível Portugal-Suíça. Porque não? Os helvéticos praticam na verdade o atletismo em larga escala, e com muita classe. Recentemente disputou-se em Bale o encontro Suíça-Holanda, e podem os portugueses, pelos mapas de resultados que a seguir damos, fazer uma ideia das nossas possibilidades. E, desde já, apontamos aos curiosos o salto de 4.<sup>m</sup>10, à vara, executado na pista de Old-Boys pelo suíço Scheurer, e o «tempo» de 1 m. 51 s. 8/10 do holandês Ruyter nos 800 metros.

Mas, antes de mais nada, e até à chegada de novas críticas, que faremos seguir sempre de avião, deixemos falar os números, expressos no seguinte mapa:

100 metros — 1.º — Kleyx (H) 10 s. 8/10; 2.º — Briner (S) 10 s. 9/10; 3.º — Lammers (H) 10 s. 9/10 e 4.º — Deubelweiss (S) 11 s. 200 metros — 1.º — Lammers (H)

21 s. 9/10; 2.º — Kleyn (H) 22 s.; 3.º — Muller (S) 22 s. 2/10 e 4.º — Vieweg (S) 22 s. 8/10.

400 metros — 1.º — Hardmeier (S) 49 s. 4/10; 2.º — Block (H) 49 s. 5/10; 3.º — Keller (S) 50 s. 8/10 e 4.º — Backels (H) 51 s. 4/10.

800 metros — 1.º — Ruyter (H) 1 m. 51 s. 8/10 (novo recorde da Holanda); 2.º — Karl Volkmer (S) 1 m. 54 s. 3/10; 3.º — Kleiner (S) 1 m. 55 s. 1/10 e 3.º — Ribbens (H) 1 m. 56 s. 1.500 metros — 1.º — Slijkhuis

(H) 4 m. 00 s. 2/10 e 2.º — Imfeld (S) 4 m. 3 s. 7/10.

5.000 metros — 1.º — Lataster (H) 15 m. 53 s. e 2.º — Trauffer (S) 15 m. 56 s.

4 x 100 metros — 1.º — Holanda 42 s. 3/10 e 2.º — Suíça 42 s. 4/10.

4 x 400 metros — 1.º — Suíça 3 m. 20 s. 4/10 e 2.º — Holanda 3 m. 38 s. 5/10.

110 metros-barreiras — 1.º — Zwaan (H) 14 s. 9/10; 2.º — Bernard (S) 14 s. 9/10; 3.º — Honne-

ger (S) 15 s. 7/10 e 4.º — Schay (H) 16 s.

400 metros-barreiras — 1.º — Christen (S) 55 s. 6/10; 2.º — Schulenberg (H) 55 s. 9/10; 3.º — Gunten (S) 56 s. 3/10 e 4.º — Ede (H) 58 s. 6/10.

Salto em comprimento — 1.º — Naaktgeboren (H) 6,95 metros e 2.º — Studer (S) 6,76 metros.

Salto em altura — 1.º — Whali (S) 1,84 metros; 2.º — Keyzers (H) 1,82; 3.º — Manger (S) 1,80 e 4.º — Bulder (H) 1,75 metros.

Salto à vara — 1.º — Armin Scheurer (S) 4,10 metros (recorde Suíço); 2.º — Lamorée (H); 3.º — Hofstetter (S) e 4.º Verker (H). Todos com 3,70 metros.

Dardo — 1.º — Lutkeveld (H) 60,10 metros; 2.º — Luethy (S) 58,60; 3.º — Jenny (S) 58 26 e 4.º — Dammers (H) 57,74 metros.

Martelo — 1.º — Houtzager (H) 52,68 metros; 2.º — Bruyn (H) 46,18; 3.º — Huenberger (S) 45 39 e 4.º — Vollenweider (S) 41,46 metros.

Disco — 1.º — Brasser (H) 43,02 metros; 2.º — Senn (S) 41,39; 3.º — Metzger (S) 41,12 e 4.º — Bruyn (H) 40,76 metros.

Peso — 1.º — Houtzager (H) 13 51 metros; 2.º — Senn (S) 13,41; 3.º — Bruyn (H) 13,36 e 4.º — Stocker (S) 13,25 metros.

Tripto-salto — 1.º — Lourens (H) 14,25 metros; 2.º — Berhens (H) 13,73; 3.º — Droeven (S) 14,17 e 4.º — Hofer (S) 12,29 metros.

Em relação a um possível Portugal-Suíça, podem os nossos leitores apreciar melhor o valor de ambos os países pelo seguinte mapa de resultados obtidos pelos helvéticos nos seus campeonatos nacionais de 1946 e 1947:

### 1946

100 metros	— Giger 10,9 s.
200 >	— Muller 22,7 s.
400 >	— Hardmeier 49,5 s.
800 >	— Volkmer 1 m. 53,4 s.
1.500 >	— Zeugin 4 m. 2,9 s.
5.000 >	— Trauffer 15 m. 30,1 s.
10.000 >	— Kästiger 33 m. 2,9 s.
110 m/barreiras	— Christen 15,5 s.
400 m/ >	— Rugel 54,6 s.
Salto em compr.	— Graff 7,55 metros
Salto em altura	— Wahli 1,92 metros
Salto à vara	— Hofstetter 3,97 mtr.
Dardo	— Jeny 57,85 metros
Disco	— Kästiger 40,61 metros
Peso	— Stocker 13,43 metros
Martelo	— Huenberger 44,19 m.
Tripto-salto	— Graff 15,36 metros

### 1947

100 metros	— Deubelweiss 10,9 s.
200 >	— Andrist 22,4 s.
400 >	— Hardmeier 49,4 s.
800 >	— Volkmer 1 m. 53,9 s.
1.500 >	— Waldvogel 4 m. 00,5 s.
5.000 >	— Trauffer 15 m. 44,4 s.
10.000 >	— Wyss 33 m. 35,6 s.
110 m/barreiras	— Bernard 14,8 s.
400 m/ >	— Rugel 54,4 s.
Salto em compr.	— Studer 7,02 metros
Salto em altura	— Wahli 1,83 metros
Salto à vara	— Scheurer 4 metros
Dardo	— Jenny 59,96 metros
Disco	— Bachmann 40,07 mtr.
Peso	— Senn 14,08 metros
Martelo	— Steffen 43,78 metros
Tripto-salto	— Droeven 13,45 metros

Que poderíamos, portanto, fazer contra a Suíça? O que fosse possível. Provoquemos primeiro o encontro útil para o nosso atletismo, que depois se verá...

A. K. S.

## XADREZ

### O «match» problemístico luso-espanhol

(Continuação)

**A** equipa vencedora era composta por 7 compositores, que obtiveram as seguintes classificações individuais, no conjunto das duas tabelas da pontuação de ambos os países:

Jorge Breu, Barcelona 23+13 = 36 (1.º classificado no tema Espanha e 7.º no tema Portugal).

Juan Garcia Llamas, Barcelona (18+16 = 34 — 3.º no tema E e 4.º-5.º ex-aequo no tema P).

Emilio Freixa, Barcelona 18+8 = 26 — 3.º no tema P e 10.º no tema E).

Francisco Gonzalez Guillen, Santa Margarita (15+9 = 24 — 5.º no tema E e 9.º no tema P).

Juan Julio Colominas, Barcelona (23 pontos — 1.º no tema P).

Juan Ruiz Luque, Jaén (12+5 = 17 — 6.º-8.º ex-aequo no tema E e 11.º no tema P).

Fernando Rebório, Madrid (6 pontos — 11.º no tema E).

A todos os problemistas espanhóis e seleccionadores, a *Stadium* ofertou artísticas medalhas comemorativas deste primeiro torneio luso-espanhol da modalidade.

A equipa portuguesa também foi constituída por 7 problemistas, visto que, por causa da desclassificação do problema de J. Casimiro Vinagre, recorreu-se a um suplente.

Eis os seus nomes, e os números obtidos individualmente:

Vasco Casimiro dos Santos, Lisboa (16+15 = 31 — 4.º no tema E e 6.º no tema P, ambos «parcialmente antecipados»).

Oscar Pires de Carvalho, Lisboa (19+12 = 31 — 2.º no tema P e 6.º-8.º no tema E).

Raul Soares Nobre, Aveiro (21+6 = 27 — 2.º no tema E e 10.º no tema P).

José Manuel Mário Graça, Coimbra (18+11 = 23 — 8.º no tema P e 9.º no tema E).

José Casimiro Vinagre, Lisboa (16 pontos — 4.º-5.º ex-aequo no tema P).

José de Castro e Melo, Amadora (12+3 = 15 — 6.º-8.º ex-aequo no tema E e 12.º no tema P).

Dr. Carlos Eleuterio de Almeida, Lisboa (2 pontos — 12.º no tema E).

Eis seguidamente alguns números curiosos sobre o «match» e diversas anotações acerca das chaves.

Dos 24 problemas concorrentes, 8 têm, como chave, um lance de Dama, e 7 com jogada de cavalo e outros 7 com chave de torre. A coincidência é curiosa, pois as chaves de torre são muito menos vulgares, e no Tema Portugal, aparecem nada menos por 5 vezes! Também um dos problemas tem chave de Bispo e outro de Peão.

Os problemas do Tema Espanha são tecnicamente superiores; em contra-partida, os problemas do Tema Portugal têm melhores chaves, algumas mesmo brilhantes, como a do problema do nosso jovem compatriota Mário Graça (com 3 casas de fuga!) e do espanhol Garcia Llamas, ambas de Torre, com «sacrifício» e «fuga». Também interessantes são as dos problemas de J. Vinagre e Ruiz Lugal (com «fuga») e de Vasco Santos (com auto-pregagem branca indirecta e dos mates mudados).

No Tema Espanha, sómente um problema (Oscar Pires) possui chave que concede fuga ao rei negro, aliás na variante temática.

No próximo número daremos princípio à publicação dos problemas concorrentes.

V. S.

### Ler no próximo número

«O desporto hípico em França» — «As grandes provas do meeting de Deauville».

Artigo inédito de Jean Trarieux.

# FUTEBOL

Inglaterra, 5 - Bélgica, 2

O desafio internacional de futebol, entre a selecção inglesa e o grupo nacional da Bélgica, terminou pela vitória dos insulares sobre os continentais, com o expressivo resultado de 5 a 2.

Pode dizer-se afoitamente que a Inglaterra ficou devendo ao ponta-direita, Matthews, o benefício do triunfo. Tal foi, no dizer dos próprios britânicos, o precioso trabalho do engenhoso avançado do clube Blackpool, cuja actividade em campo interveio na execução dos cinco tentos e, ainda, desorientou completamente, o flanco esquerdo dos belgas.

O primeiro tento registou-se quando havia 12 segundos de jogo. Em seguida, produziram-se outros dois mais, restando vinte e cinco minutos até ao intervalo. Durante este prazo, os belgas reagiram e a defesa britânica andou à deriva. Mannion marcou um golo, entusiasmando os colegas e a assistência.

No começo da 2.ª parte a Bélgica voltou a dominar. Deceyln, após nove minutos, fazia alterar o marcador, para o resultado 2-3, enquanto que o trio defensivo inglês manifestava grande apanhação.

Havia cerca de meia hora até concluir o desafio. Neste momento, Matthews interveio decisivamente e dissoluiu o ataque dos belgas levando-os à defensiva, enquanto que a equipa inglesa se refere e marcou os dois tentos finais.

Além do trabalho magistral de Matthews, há que salientar a inferiorização dos médios laterais, Ward e Wright, e do interior, Mannion.

## Os Campeonatos da Liga

O mais animado desafio efectuado, na tarde de sábado, em Inglaterra, para o campeonato das 12 Divisões da Liga, foi aquele que pôs frente a frente, dois clubes da província: Manchester City e Manchester United. Cerca de 78.000 pessoas encheram por completo as instalações de Maine Road.

O desafio caracterizou-se pelo grande equilíbrio de valores, terminando com um empate, sem tentos marcados.

O Arsenal prossegue na frente da classificação, sem derrotas, e com um único empate.

Agora convenceu confortavelmente o Stoke City (3-0), que anda descontrolado.

O segundo, na escola de méritos, Preston N. End, sofreu outra derrota, contra o Sheffield United (3-1) mas, como Blackpool, terceiro classificado, perdeu com Sunderland (1-0), a posição relativa de ambos manteve-se.

Os Wolves seguem em quarto lugar, a 4 pontos do Arsenal, derrotando o Huddersfield (1-0) fora de casa.

Aston Villa ganhou também fora de casa, pela primeira vez. A vítima foi o Derby County (3-1).

Na 2.ª Divisão, o Bradford segue à frente. Derrotou agora, por 2-0, o Sheffield W. Com igual pontuação encontra-se, também, West Bronwich Albion.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## NOTA DA SEMANA

O acontecimento de mais relevo, ocorrido durante a semana finda, passou quase despercebido de muitas pessoas. Trata-se do novo recorde mundial de velocidade em automóvel, estabelecido nas pistas naturais do Lago Salgado (Estados Unidos) pelo temerário piloto John Cobb, à velocidade média, horária, de 634 quilómetros e 261 metros.

Cobb, que já era recordista desde 1939, com 594,847 km./hora, conduzia novamente o seu bólido, Railton Especial, com tal mestria e segurança que obteve um clamoroso êxito, por extraordinária diferença.

Para fazer uma ideia aproximada do que representa semelhante proeza, bastará citar algumas das condições que predominam neste género de provas. Primeiramente, o automóvel assemelha-se tanto a uma asa de avião como a um projectil: tem quase nove metros de comprimento por dois e meio de largura, pesa três toneladas e a silhueta da carroçaria é plana na parte inferior e arredondada na parte superior. Reage sobre os filetes de ar como sucede às superfícies sustentadoras: tende a subir!

Esta tendência é contrariada pela caprichosa forma do capot, que aumenta o valor da componente vertical de aderência ao terreno. Um leme de direcção, à retaguarda, permite conservar a diatura na linha de marcha escolhida.

A pista tem 24 quilómetros de extensão e 100 metros de largura, mas isso é pouco seguro no caso de suceder um leve desvio na trajectória, pois a morte é certa se se tentar uma travagem. Os pneus rebentariam como bombas de dinamite e tudo ficaria irreconhecível.

Cobb merece crédito, não só como volante mas também como construtor do carro, embora a sua contribuição seja inferior à dos fabricantes dos motores Napier, dos pneus Dunlop e da carroçaria.

Quando, em 1899, o automobilista Jenatzy ultrapassou pela primeira vez os 100 km./hora, as pessoas sensatas abanaram a cabeça com gravidade e desaprovação.

Aquilo era uma loucura! Hoje quase não existe quem não tenha andado a mais de cem e todos consideram isso um acto banal.

O desenvolvimento dos motores de jacto e reacção pode levar muito longe a revolução dos métodos actuais. Mesmo assim, cremos que o recorde de Cobb merecerá dos vindouros uma respeitosa homenagem. Porque é, um acto audacioso e desportivo.

R. B.

## Os últimos jogos do Campeonato de Espanha

Na última jornada do campeonato de Espanha, verificaram-se os seguintes resultados: Atlético de Madrid-Sabadel, 8 0; Espanhol Sevilha, 0-1; Valência-Gijón, 3-1; Bilbao-Real Sociedade, 1-3; Oviedo-Celta, 1-2; Alcoyano-Barcelona, 0-2; Tarragona-Real Madrid, 3 3.

Alguns resultados surpreenderam bastante a própria «afición» espanhola. E o caso não era para menos se nos referirmos à expressiva vitória do Atlético de Madrid sobre o Sabadel, à vitória do Sevilha em Barcelona, ao empate do Real Madrid, e às derrotas do Bilbao e do Oviedo nos seus próprios campos, embora na frente de equipas categorizadas: Real Sociedade de S. Sebastian e Celta de Vigo.

## RUGBY

### Os Australianos em Inglaterra

Encontra-se em digressão na Inglaterra um conjunto de jogadores australianos de rugby, todos de grande classe, e que tomaram o indicativo «Wallabess» como designação.

Depois de vencerem os melhores elementos dos Condados de Devon e Cornwall (17 pts. a 7) e a selecção de Midlands (22 pts. a 14) alcançaram novo triunfo à custa dos Condados de Somerset e Gloucester, por 30 pontos a 8.

### O País de Gales derrota a Inglaterra

Num desafio de rugby, de 13 jogadores, modalidade simplificada do rugby clássico, com 15 participantes, o País de Gales conseguiu ganhar à Inglaterra por 10 pontos a 8.

## BOXE

### Sandeyron, vencedor

O campeão europeu dos «mínimos», Maurício Sandeyron (França) defrontou-se com o italiano Bob Serpi, em Nancy. Serpi defendeu-se com valentia mas acabou por ceder e foi ao solo, duas vezes, durante o décimo e último assalto.

### Em Copenhague

Na capital da Dinamarca realizou-se uma reunião entre franceses e jogadores locais. O mais destacado foi o jovem Jean Bedin que derrotou Asger Wasburg por pontos.

## Breitling

O cronómetro de fama mundial

### e a «Volta a Portugal»

«Breitling», a marca divulgada e conhecida em todo o mundo, é a preferida nas provas desportivas! Estas devem-lhe, em grande parte, a precisão e a certeza do tempo. O seu maneio é fácil — os seus resultados óptimos.

Por isso mesmo, na Volta a Portugal, foram utilizados os cronómetros «Breitling», aprovados pela aviação portuguesa, com a melhor eficiência. «Breitling» deu sempre o tempo — que era o verdadeiro tempo da corrida!

## CICLISMO

### Fausto Coppi, campeão do Mundo e vencedor da «Taça das Nações»

Indiscutivelmente, o italiano Fausto Coppi é o rei dos ciclistas de fundo. Vitorioso no Campeonato do Mundo, ganhou agora a «Taça das Nações» com uma autoridade que nem admitiu réplica.

Coppi percorreu os 150 quilómetros em 3 h. 28 m. 25,8 s. ou seja à média horária de 38,456 quilómetros à hora. Em segundo lugar ficou o francês E. Idée e em 3.º classificou-se outro italiano, Magni, ambos distanciados.

## Assinem a STADIUM

# Página de Touros



Parrita saiu em ombros da Monumental de Madrid, não pela porta grande, por absurda proibição, mas pela outra, grande também quando dá passagem a um toureiro grande, depois duma tarde grande!

## Manolete TEM UM CONTINUADOR Parrita

**M**ANOLETE tem um continuador: Parrita. Isto escrevemos quando Manolete ainda vivia, e vimos confirmado depois da sua morte, agora, em Madrid, na corrida do Monte-Plo da Policía, «La sombra del otro» —

escreveu «K-Hito», acrescentando que Parrita foi o discípulo predilecto de Manolete, o que com mais verdade se aproximou à verdade absoluta do toureiro de Córdoba. A escola Manoletista-privilegiados os que formam escola. Parrita é o continuador dum estilo, o guardião mais fiel dum novo modo de tourear. E, é ainda «K-Hito» que escreve: «Assim toureava Manolete; evoca-lo, como o evoca Parrita, é já um mérito extraordinário. Mão lhe exijimos mais. Um discípulo não é um copista. Assimila o estilo, mas não desdenha a sua própria personalidade».

O que vimos Parrita fazer no 3.º touro da corrida de 18 de Setembro, a da Policía, confirma o que escrevemos em vida de Manolete, quando a presença do mestre tornava menos valiosa a do discípulo.

Parrita recordou-nos Manolete logo nos estatutários, e depois com a direita e com a esquerda, até olhando o público, e nas suas manoletinhas. O público, pediu a orelha antes de entrar a matar, e apesar de Parrita ter de o fazer duas vezes, foram-lhe concedidas as duas. Também no 6.º esteve bem, muito bem, mas então já o público corria para o «metro», sem tempo para agitar os lenços, e Parrita saiu em ombros, não pela porta grande, por absurda proibição, mas pela outra, grande também.

«Gitaniillo» toureou com profunda arte cigana, por «cante-joudu», matou bem e deixou um rasto de aplausos em volta à arena.

O «Andaluz», que não tem sorte em Madrid, matou com uma boa estocada o 2.º, que antes o colhera sem gravidade.

A corrida foi precedida de uma exibição da cavaleira portuguesa — Marimén Clamar que já confessa ter nascido na

Argentina mas que insiste em que viveu em Portugal, onde diz ter toureado 12 corridas, e ser discípulo de João Nuncio.

No domingo seguinte, a beneficio do Monte-Plo de Toureiros, num ambiente de simpatia e com touros «a modo» António Blenvenida matou seis touros do seu homónimo António Pérez. Toureiro fino, com seu fino sorriso, António safou-se bem da «hombrada», cortando orelhas e saindo em ombros.

Agora, no dia 2, vai ser confirmada, por Parrita, a alternativa de Paquito Muñoz, que já faz tais exigências que se negou a recebê-la na mesma tarde em que a confirma Manolo Novarro.

Este terá como padrinho Domingo Ortega, na corrida da Imprensa, com Luiz Miguel e o citado Muñoz, sendo estes os mais discutidos do momento actual.

Pepe Martín Vasquez, o quem já se não discute o lugar proeminente, sobretudo depois da corrida da Beneficencia ao lado do inolvidável Manolete, está em Salamanca experimentando a perna em que foi colhido como Manolete, e para o ano veremos quem é o mais artista, mais fino e mais toureiro.

Rogério Pérez



Tem senhoria o passe de peito de Parrita, e assim os deu na tarde de 18 de Setembro, em Madrid, ao lado de «Gitaniillo» que também os dá com arte, na época de Pepe Luis que é quem melhor os executa, com arte fina e sevillhana



Assim toureou com a direita, na tarde grande de Madrid, o grande discípulo do enorme Manolete, Agustín Parrs, «Parrita», que em vida do colosso de Córdoba escrevemos ser o seu continuador

## O FUTEBOL NO MINHO

# O Desportivo de Monção

progride e tem bons orientadores

**M**onção, pequena vila de Portugal, — 300 habitantes apenas — que o «feiteiro» rio Minho separa de terras de Espanha. Monção, terra hospitaleira e alegre, onde fomos encontrar homens dama só lê, latadores indomáveis, que, pelo ideal que criaram, tudo são capazes de sacrificar. Monção, terra portuguesa de lindas mulheres, que jamais negam ao visitante o seu melhor sorriso, e são bem uma afirmação da graça que caracteriza a mulher portuguesa. Monção, finalmente, terra de desportistas, homens de tempera de aço, autêntico viveiro de jogadores, é uma das vilas portuguesas onde pode encontrar-se um bom grupo de futebol e onde moera o puro amadorismo.

A vila minhota nos deslocámos há dias. J gava com o Desportivo de Monção o Sporting de Braga, para disputa da «Taça do Minho», prova da A. F. de Braga. Tudo nos surpreendeu, até o próprio resultado do jogo em que os locais venceram os campeões nacionais da 2.ª Divisão por um 3-1 que não deixa dúvidas a propósito da superioridade vencida em 90 minutos de jogo. Enquanto que os visitantes demonstraram uma técnica mais aparada, os locais, puros amadores, foram sempre mais rápidos e voluntariosos, dando a toda a gente a impressão de que sentiam bem o calor da camisola que envergavam. Só isto lhes deu a vitória, que surpreendeu toda a gente, menos aqueles que assistiram à partida. Monção tem, na realidade, um grupo que joga futebol, podendo ir longe no decorrer da actual temporada.

Logo que chegámos ao Parque de Jogos do Desportivo fomos encontrar o seu incansável e dinâmico dirigente, Dr. Viriato Nanes, nome azáfama permanente. Isso não impedia de, por tão amável que é, nos acompanhasse na visita que desejávamos fazer às instalações do Desportivo.

Tudo nos impressionou bem. É grande o arranjo e bom gosto. O campo de jogos — Campo Manuel Pereira de Lima — em homenagem ao grande benemérito do Desportivo, é de rara beleza. O péso tem excelente visibilidade, a bancada toda coberta, é elegante e bem delineada. A vedação do rectângulo, em elemento armado, é vistosa e sólida. A paisagem que se desliza dali é admirável. Os balneários, quer dos jogadores, quer do árbitro, são higiénicos, alegres e completos. Tudo, enfim, o que está feito, foi realizado a rigor e com o fim único de bem servir os desportistas, espectadores ou praticantes. Tudo o Dr. Viriato Nanes nos mostrou com o orgulho próprio de quem trabalha para tanto e tão bem feito. Quando lhe pedimos algumas impressões para a nossa Revista, não as regateou. Começando:

— O futebol em Monção não é uma realidade recente. Desde 1923 que é aqui praticado, primitivamente pelo Grupo Desportivo Dea-la-Dea e mais tarde pelo actual Desportivo de Monção. No primeiro período da sua existência, isto é, na fase que vai de 1934 a 1940 o Desportivo foi filiado na extinta A. F. de Viana do Castelo, conquistando 5 segundos lugares e o título de Campeão Regional na época de 1938-39. Nesta segunda fase, o Desportivo está filiado na A. F. de Braga desde o ano de 1945. Disputou as provas regionais da 2.ª Divisão desde esse ano, conquistando os dois títulos de Campeão e o direito de entrada na 1.ª Divisão de Braga, vencendo o Gil Vicente de Barcelos, em 3 jogos que ficaram memoráveis na história desportiva monçanense.

— Como encara o futuro do clube?

— A nossa entrada na 1.ª Divisão de Braga tem provocado uma onda de entusiasmo nos desportistas monçanenses e de toda a parte nos surgem novos sócios, não só do continente



O «Onze» do Desportivo de Monção que disputa a Prova da 1.ª Divisão da Associação Futebol de Braga

mas também de Angola e Moçambique, e até do Brasil. O Desportivo tem hoje 400 sócios e este número deve aumentar muito. O futuro do clube, como vê, é promissor.

— Projectos?

— Já fizemos alguma coisa mas há ainda muito para realizar. E' nosso desejo instalar um Posto médico, anexo aos balneários, para prestar aos atletas a necessária assistência. É também nossa intenção construir um campo de basquetebol e um ringue de patinagem. Lentos, todavia, com falta de dinheiro para ver realizado este sonho, pois atravessamos um período de crise da qual só poderemos sair se o apelo dirigido aos Organismos Dirigentes for atendido.

Os afazeres do amável Dr. Viriato chamavam-no e por isso foi obrigado a dar por concluída a breve entrevista. Não o quis

fazer, no entanto, sem dizer ainda, as seguintes palavras:

— Antes de terminar quero testemunhar o meu muito apreço e consideração pela Imprensa Desportiva, a quem dirijo em meu nome e no do clube que represento, os meus cordiais saudações. Aprecio muito a crítica desportiva portuguesa pois cada um, no seu campo, procura ser honesto e contribuir para o desenvolvimento do desporto português.

E ele lá se foi para dar mais este ou aquele problema. Quando abandonamos a vila de Monção meditando na grandeza do que presenciámos formámos o seguinte pensamento: «Com homens desta fibra é natural que do nada se façam grandes coisas».

Benigno Cruz

## PATINS INGLESES

os mais populares

## E ACESSÓRIOS

## PARA BICICLETAS

Representantes

**F. H. D'OLIVEIRA & C. A. L.** DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113  
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

Um aspecto do magnífico campo de jogos do Desportivo de Monção. Ao fundo vêem-se terras de Espanha. Ainda se vê, no lado esquerdo, parte da excelente bancada



# Stadium na Província



Alcanena pratica também o futebol, e um dos seus grupos, baptizado com o nome de G. D. «Os Terríveis» de Alcanena, que hoje publicamos, parece disposto a levar por diante a sua missão. Ora vejamos como está formada a equipa: da esquerda para a direita, de pé — Diamantino, Branco, Ramos, Henrique, Galveias, Silva e Sérgio, maçoagista; da esquerda para a direita, de joelhos: Rocha, Frazão, Batata, Deus e Reinaldo

## O Atlético Clube de Portugal

jogou voleibol no Barreiro contra a «Cuf»



O Atlético Clube de Portugal também se dedica ao voleibol, como é sabido. Alinhou ainda recentemente, contra a «Cuf» no Barreiro, e daqui nos enviam a fotografia que inserimos. A composição do conjunto: Miranda, Miguel, Silva e Correia, de pé; ajoelhados: — Serpa, Patrício e Alfredo. Os rapazes de Alcântara, neste encontro, demonstraram possuir boa disposição para a prática do voleibol, deixando no Barreiro bons admiradores. O Grupo Desportivo da «Cuf», contra quem joga o Atlético, agradece igualmente. O voleibol progride em todos os centros



## Uma escola de FUTEBOL em Campo Maior

Segundo comunica o nosso prezado agente de Campo Maior, realizou-se oportunamente naquela vila alentejana um torneio de futebol promovido pelo conceituado Sporting Clube Campomaiorense. Finalidade? Fazer escola. O torneio destinou-se aos jovens dos diversos bairros de Campo Maior, tendo triunfado o Bairro Avenida — fotografia que publicamos em 4.º lugar dos grupos concorrentes. Não pode deixar de louvar-se, em boa verdade, o excelente espírito de iniciativa do S.C. Campomaiorense. Seguem-se os grupos concorrentes, por esta ordem: Bairro de S. Francisco, Bairro Fidalgo, Bairro do Castelo e Bairro Avenida.





Truman o presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte, chefe de um povo forte e saudável, na ginástica, como, aliás todos os americanos, para estar em boa forma física e poder resolver com êxito todos os assuntos que prendem a sua viva inteligência. A nossa fotografia mostra o Presidente Truman, a bordo de um cruzador, praticando diariamente os seus exercícios físicos. O curioso é ler-se na sua camisola de lã: Truman Athletic Clube...



## 2.ª DIVISÃO DA A. F. L.

Duas fases movimentadas do encontro da Segunda Divisão, Arrolos-Operário, renhidamente disputado. O Operário empatou no último minuto, e conserva-se por isso à frente da classificação



## As 20 Voltas à Lourinhã

A prova ciclista «As 20 Voltas à Lourinhã», foi bem disputada. Aspecto dos concorrentes à partida

A qualidade superior; a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança; e a protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

SÃO AS TRÊS GARANTIAS  
QUE FAZEM DA LUBRIFICAÇÃO

# Sonap

a lubrificação que se impõe!

## Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina  
Petróleo  
Gazoil  
Lubrificantes

Massas consistentes  
Vazelinas  
Parafinas  
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80  
LISBOA

Rua de Santo António 45,  
PORTO

Rua da Sofia  
COIMBRA

# na capital do NORTE

## Entre o Lima e a Constituição

O velho problema das instalações portuenses, mais propriamente do Campo de jogos do F. C. do Porto, volta a ser agitado na Imprensa. Não surpreende o caso. E não surpreende por ser assunto que fica na agenda, transferindo-se de dia para dia á espera de solução capaz.

Falou-se por isso, logo no principio da época, numa possível utilização do campo do Coimões, em Vila Nova de Gaia, e o F. C. do Porto pareceu disposto a servir-se de umas facilidades oferecidas pelo popular clube de Além Rio. Mas teria de gastar ali algum dinheiro — bastante, mesmo. E faltava ainda o acordo total dos sócios e não sócios, porque os campeões portuenses devem a uns e outros uma satisfação. De tal maneira o acompanhavam os seus admiradores que seria de má política não ouvir a sua voz. Lá isso é verdade...

Ora, segundo os últimos ecos de notícias que chegam, o F. C. do Porto prepara-se para... jogar mesmo no seu «secular» campo da Constituição! Para o Lima é que não deseja ir, alegando razões variadíssimas, ponderáveis até certo ponto.

Alegam os dirigentes mais responsáveis que no Lima lhe ficam grandes receitas, com a agravante

séria de centenas e centenas de sócios do Académico terem entrada gratuita.

Quando jogou no Porto a equipa do C. R. Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, tiveram os sócios do F. C. P. de pagar as suas entradas, ficando em inferioridade perante os sócios alvi-negros. Por outro lado, o Académico ganhou e o Porto perdeu...

Por tudo isto, decide-se o F. C. do Porto a lutar com os meios de que dispõe. Assim, na verdade, mandará ao menos em sua casa... Dizem-nos que se vão construir fortes bancadas de cimento no Campo da Constituição. Mas, antes de o fazer, não seria possível um acordo temporário com os donos de uns terrenos anexos? Com boa vontade, talvez o F. C. do Porto pudesse afastar um pouco mais (uma dezena de metros ao menos) a bancada lateral, comprometendo-se depois a deixar livre, e como estava, o espaço que lhe cedesse quem de direito.

O F. C. do Porto não pode, evidentemente, ficar por muito tempo no Campo da Constituição. Nesta fase de emergência, porém, embora submetendo-se às indemnizações naturais, alguma coisa poderia fazer-se. É uma questão de tentar, sem prejuízo para qualquer das partes.

## CURIOSIDADES...

Seguiu-se com algum interesse, na capital do Norte, a indicação de elementos para o novo Conselho Seleccionador da F. P. F.

A maneira firme e definitiva como Tavares da Silva recusou entrar de novo no elenco foi apreciada. Discute-se entretanto o facto de nenhum portuense haver recebido convite.

♦♦ A escolha de campo para o F. C. do Porto é discutidíssima. Mas não se julgue que a gerência não esteja com o assunto entre mãos. Talvez venha mesmo a ser tratado junto de uma alta figura do Governo da Nação.

♦♦ Esteve no Porto, chegando a treinar, um defesa da extinta equipa de futebol da «Cuf». Fez o passeio, deu uns pontapés no Campo da Constituição e pediu 40 contos pela mudança. E ainda um bom ordenado. Os interessados disseram-lhe que pedia muito e o atleta regressou visto «não fazer a coisa por menos».

Foi agora anunciada a sua presença noutra equipa lisboeta. Ou deve ter ficado caro ou viu desfeitas as suas ilusões...

♦♦ Informação de boa origem garante-nos que um conhecido atleta, há dois anos retirado do Porto para Lisboa, onde actuou numa colectividade popular, vai novamente ao clube onde principiou.

Trata-se de um elemento de excelentes qualidades, que esta época não praticou o atletismo.

Há coisas que só lembram a certos árbitros de futebol! Esta, por exemplo: no último jogo da «Taça A. F. Porto», entre o F. C. P. e o Salgueiros, efectuado no campo do Lima, foi expulso do terreno o interior esquerdo do F. C. do Porto, António Ferreira, e ninguém descobriu o motivo da expulsão.

Claro que o juiz de campo, ou o juiz de linha que o aconselhou, devem explicar a «coisa», de qualquer maneira, no seu boletim. Mas para quem assistiu, o caso é digno de surpresa e de comentário áspero. O único «crime» de António Ferreira, segundo se tem visto, é o de ser bom jogador! O pobre do moço já tem passado as suas dificuldades na frente de elementos de má catadura, e já se queixou disso a um jornalista.

Porém, por pouca sorte sua, ainda lhe acontecem destas. Os árbitros, naturalmente apavorados, querem dar nas vistas, e aqui fica mais um documento do seu excesso de zelo!

E... não lhes acontece nada. Os clubes e os jogadores que não contribuem para os incidentes é que vão sofrendo dissabores de tal ordem, ficando à mercê de caprichos ou de soluções que reflectem alguma falta de competência.

Por agora, o rapaz não pôde jogar contra o Académico. Todos reconheceram a violência, sem dúvida, mas ninguém providenciou.

## TREINADOR

para o F. C. do Porto

Na altura em que escrevemos esta notícia, não se sabe ainda quem será o futuro treinador do F. C. do Porto. O campeão portuense tem tido dificuldades em resolver o assunto com um argentino residente em Espanha, visto que o caso depende ainda, ou dependia, pelo menos, de peias burocráticas.

Porém, no F. C. do Porto experimentam-se outras soluções. Há quem pense na capital norte-nha na vinda de um treinador inglês. Mas também há quem não goste. Corre no Porto que um treinador britânico não será solução no actual momento. O Porto precisa de um técnico algo dinâmico, que calce as bolas e seja amigo de produzir obra de relevo. Szabo agradava pelas suas qualidades de trabalho, e outro que o F. C. do Porto venha a possuir deve ter alguns nervos...

Falava-se também de Gutkas, um austríaco que já orientou o F. C. do Porto há anos e depois regressou ao seu país. Se bem nos lembra, este Gutkas, embora estivesse no clube pouco tempo, deixou ficar uma obra interessante. E era atilado, conhecendo os segredos do futebol.

Não se esqueça também que o futebol em Portugal evoluiu bastante. Jogue-se mais ou jogue-se menos, há táticas que a maioria dos grupos perfilham. Não se esqueça, repetimos...

## Mosaicos nortenhos...

### PORTUENSES NO ESTRANGEIRO

Dois dos mais populares corredores do F. C. do Porto, os ciclistas Fernando

Jorge Moreira e Onofre Tavares, estão dispostos a correr no estrangeiro. Primeiro falou-se em Espanha. Actualmente, invoca-se Paris.

Na verdade, o clube portuense deve dar um passeio aos seus melhores corredores. Os ciclistas azues-brancos podem ganhar extraordinariamente com o contacto, e em qualquer prova de grande vulto, a realizar no nosso país, talvez as coisas sigam de outra maneira...

### AMUOS PERDIDOS...

Noticiaram os jornais, e também a nossa Revista há semanas, que os jogadores Caseiro, do Leixões, e Pacheco, do Académico, não jogariam esta época. Aborrecidos por os não deixarem «sair de casa», vingavam-se da partida.

Mas, ao fim e ao cabo — os rapazes reconsideraram. Não surpreende por isso a notícia mais recente. O amuo desaparecera e ainda bem... Tanto o defesa Caseiro como o médio Pacheco são precisos no futebol portuense e dentro das suas colectividades.

### GASTÃO O DESEJADO...

A massa simpaticante do F. C. do Porto anda num signo: — o clube arranjou um

médio-centro a seu gosto. De facto, Gastão não é um lutador, um jogador áspero, — mas a bola sai dos seus pés como deve ser, como nos tempos de Alvarito, e os avançados precisam apenas de estar atentos ao passe. Convem, entretanto, que o jovem e inteligente Gastão se não perturbe muito com as honrarias e louvores. Que trabalhe mais ainda, sem se desviar para os prazeres que fazem tropeçar muita gente...

### O AZAR DE FERREIRA

O interior esquerdo do Porto, o beirão Ferreira, condena ásperamente o «jogo-sucio». Não gosta de jogar à pancada, mas como criou fama de ser bom, há quem o vigie de pernas no ar. E zás! Embora mantendo-se o melhor possível fora da questão, embirrou com ele um juiz e lá foi o rapaz mais cedo para o balneário...

— Ora a minha vida! — teria dito o pobre do moço, ainda bisonho e pouco a par de algumas arbitragens portuguesas...

Realmente, como terá ele de actuar nos futuros jogos? Talvez o autor da expulsão lho possa dizer!

# Comentários

## Bola ao centro

Assistimos à primeira apresentação do filme «Bola ao centro», de tema desportivo e no qual, possivelmente, houve o propósito de comentar os meios futebolísticos mas onde, afinal, se apresenta sobre bases felizmente falsas um problema social que é um terrível libelo contra o profissionalismo e os seus riscos.

O futebol português não é aquele amonido de dirigentes sem escrúpulo, que o autor nos apresenta no que se ousou chamar, para efeitos de intolerável reclamo, «tremendo libelo contra a revoltante política de fraude de certos menores», «feito de amargas verdades arrancadas aos bastidores dos clubes, com as suas criminosas paixões e caprichos, interesses suspeitos e condenáveis vaidades».

Esta afirmação não deve ser aceita em silêncio pelos mentores da opinião pública desportiva portuguesa; numa atitude digna de quem sabe como cumpre a sua missão, os dirigentes do Sporting protestaram junto do Sr. Director Geral dos Desportos contra as afirmativas acima referidas. É necessário, no entanto, frisar bem ante toda a opinião pública que o futebol não é aquela miséria moral que o filme nos apresenta: padrões imperativos, dirigentes venais e sem escrúpulos, sereias lentadoras, médicos levianos, etc.

Não, no romance delineado, algumas verdades hipertrofiadas mas que existem na realidade e cuja apresentação assim exorbitada serve para as tornar mais impressionantes; é de boa e útil doutrina. Mas não se apresentem como de regra comum; felizmente aquilo é a raridade e nem pode ser, porque a organização oficial o não permite, moeda corrente.

Em primeiro lugar, nenhuma sereia conseguiria hoje, que um jogador assinasse à mesa do «cabaret», entre espumas de champagne, uma ficha com validade legal de transferência.

Pior, porém, a cena em que um médico partidário do clube que pretende o jogador, o declara — depois de verificada a sua incapacidade física — apto para a prática do futebol, atirando-o sem relutância profissional para a ruína fisiológica que é a chave do entredo. José António não é um jogador que declina por efeito do tempo, de erro de apreciação técnica ou incidente: é vencido pelos excessos superiores aos seus recursos e saúde precária e para onde o alira a criminosa inconsciência do médico.

Ora isto também é impossível de suceder em Portugal: cremos que, antes de nada, porque são mais honestos os nossos médicos (à respectiva Ordem competirá contrapor-se ao juízo exposto), mas necessariamente porque nenhum rapaz pode no nosso país jogar futebol num grande centro

**Breitling**  
APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

sem passar previamente pela rigorosa e implacável inspecção dos Centros de Medicina Desportiva.

Os casos como o de José António, podemos afirmá-lo com orgulho, são clinicamente impossíveis em Portugal.

### Ora agora digo sim,

### ora agora digo não...

Finalmente, foi não. Os nossos caros vizinhos, após numerosas mudanças de parecer, acabaram por desfazer todos os acordos para realização, nesta temporada, do «match» ibérico de atletismo.

O encontro fora combinado e sancionado pela entidade superior do desporto espanhol antes do início da época, como cumpria a tão importante acontecimento; a poucas semanas da

data prevista surgiu resolução contrária, a pretexto de dificuldades económicas, melhor fundamentada talvez em desagradáveis incidentes passados durante a visita dos basquetistas catalães. A Federação Portuguesa apresentou contraproposta, prontificando-se a subvencionar a deslocação e as coisas resolveram-se de novo no sentido favorável.

A última hora, a Delegação Nacional de Desportos recusou a autorização, pretexto de novo que não queria assumir uma responsabilidade sem ter garantidos os recursos para corresponder a ela; com curiosa semcerimónia, promete já — prometer não custa nada — a necessária autorização para a primavera próxima.

Tudo este procedimento se presta a interessante análise, que não é para ser aprofundada de momento; parece-nos apenas conveniente assentar desde este momento numa base segura: dadas as circunstâncias do passado, o encontro peninsular de atletismo

realizar-se-á na altura a época que mais nos convenha, e não quando mais convenha aos nossos fraternais adversários, visto haverem sido eles que fultaram ao seu compromisso.

É de crer que o «match», sob o ponto de vista internacional, importa muito mais aos espanhóis do que aos portugueses. A confirmar-se, como é provável, a visita de retorno à Bélgica, seria fácil completar o programa da temporada trazendo até ao nosso país a equipa da Suíça, do Luxemburgo ou do Norte de África ou, ainda, um grupo de atletas estrangeiros que viessem participar em dois festivais em Lisboa e no Porto.

Tome-se, em conformidade, a atitude digna que nos pertence por direito, fazendo ver aos nossos vizinhos amigos a grande satisfação que sentimos em acamarar com eles nas lutas desportivas mas, também, a perfeita independência da nossa situação no que respeita a relações internacionais.

# O ELVAS venceu o SEVILHA



Elvas, o Clube Alentejano de Desportos, fez a sua apresentação oficial, após a fusão, contra o Sevilla. O clube elvensê conquistou uma vitória por 2-1, e apesar de não ter feito uma exibição perfeita realizou jogo de qualidade.

De resto, além de agradável, é sempre indício de possibilidades uma vitória sobre um team da categoria do Sevilla.

O Elvas comportou-se magnificamente nos sectores da defesa e da média, mas a linha atacante não mostrou o poder que se esperava.

O grupo de Sevilla actuou com desembaraço, mostrando-se os seus elementos bons jogadores.

Enfim, o Elvas começa a sua vida com uma vitória de categoria. As nossas fotografias mostram três momentos do renhido encontro entre portugueses e espanhóis.

# OS DESAFIOS DO PORTO

**1 — Porto - Académico —**  
*A defesa do Académico alivia o seu campo...*

**2 — Salgueiros - Leça —**  
*Um lance junto das balizas do Leça.*

**3 — Boavista - Leixões —**  
*Os de Leixões defendem-se de um ataque impetuoso...*



# Sporting de Braga — Famalicão



*Sansão, sob a protecção dos seus companheiros, defende com segurança*